

NOTAS TÉCNICAS N° IDB-TN-03376

Definir o oculto: Métodos inovadores para a coleta de dados de populações de difícil acesso

Carina Lupica
Yasmin Mertehikian
Sofía Caravedo
Christian Silvera

Banco Interamericano de Desenvolvimento
Gênero e diversidade
Agosto 2026



Definir o oculto: Métodos inovadores para a coleta de dados de populações de difícil acesso

Carina Lupica
Yasmin Mertehikian
Sofía Caravedo
Christian Silvera

Banco Interamericano de Desenvolvimento
Gênero e diversidade
Agosto 2026

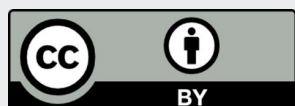
<http://www.iadb.org>

Copyright © 2026 Banco Interamericano de Desenvolvimento. Esta obra está licenciada sob uma licença Creative Commons CC BY 4.0 IGO (<https://creativecommons.org/licenses/by/3.0/igo/legalcode>). Os termos e condições indicados no link URL devem ser atendidos e o respectivo reconhecimento deve ser concedido ao BID.

Além da seção 8 da licença acima, qualquer mediação relacionada a disputas decorrentes de tal licença deve ser conduzida de acordo com as Regras de Mediação da OMPI. Qualquer controvérsia relacionada ao uso das obras do BID que não possa ser resolvida amigavelmente deverá ser submetida à arbitragem de acordo com as regras da Comissão das Nações Unidas sobre Direito Comercial Internacional (UNCITRAL). O uso do nome do BID para qualquer finalidade que não seja atribuição e o uso do logotipo do BID estarão sujeitos a um contrato de licença por escrito separado entre o BID e o usuário e não está autorizado como parte desta licença.

Observe que o link da URL inclui termos e condições que são parte integrante desta licença.

As opiniões expressas nesta publicação são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente a posição do Banco Interamericano de Desenvolvimento, de sua Diretoria Executiva, ou dos países que eles representam.



DEFINIR O OCULTO

Métodos inovadores
para a coleta de
dados de populações
de difícil acesso

Carina Lupica
Yasmin Mertehikian
Sofia Caravedo
Christian Silvera



Banco Interamericano de Desenvolvimento
1300 New York Avenue, N.W.
Washington, D.C. 20577
www.iadb.org

Copyright © 2026 Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Esta obra está sujeita a uma Licença Pública Internacional de Atribuição/Reconhecimento 4.0 da Creative Commons CC BY 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/legalcode.es>). É necessário cumprir os termos e condições indicados no link URL e dar o devido crédito ao BID.

Todas as disputas que surgirem relacionadas a esta licença, e que não forem resolvidas de forma amigável, serão resolvidas mediante notificação de mediação comunicada através dos meios correspondentes por parte de quem faz uso do material ou pelo licenciante, sendo a disputa submetida à mediação não vinculativa, em conformidade com o Regulamento de Mediação da Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI). Qualquer disputa que não for resolvida amigavelmente será submetida à arbitragem de acordo com as regras da Comissão das Nações Unidas para o Direito Comercial Internacional (CNUDMI). O uso do nome do BID para qualquer finalidade que não seja o devido reconhecimento, assim como o uso do logotipo do BID, não são autorizados por esta licença e requerem um contrato de licença adicional.

Observe que o link URL inclui termos e condições que fazem parte integrante desta licença.

As opiniões expressas nesta obra são exclusivamente dos autores e não refletem necessariamente o ponto de vista do BID, de sua Diretoria Executiva nem dos países que representam.



Índice

Resumo	1
Introdução.....	2
1. REFERENCIAL TEÓRICO E CONCEITUAL	3
Perspectivas teóricas e definições	4
Características das populações ocultas	5
Grupos identificados como populações ocultas.....	7
2. MÉTODOS PARA A PESQUISA DE POPULAÇÕES OCULTAS	9
Amostragem em bola de neve (<i>Snowball Sampling</i>).....	11
Amostragem dirigida (<i>Targeted Sampling</i>)	14
Método de captura-recaptura (<i>Capture-Recapture</i>).....	16
Amostragem por tempo e local (<i>Time-Location Sampling, TLS</i>).....	19
Amostragem dirigida por respondentes (<i>Respondent-Driven Sampling, RDS</i>)	22
Cliente oculto (<i>Mystery Shopping</i>).....	26
Estudos de vinheta	29
Análise comparativa de métodos.....	31
3. APRENDIZAGENS DA PRÁTICA: O QUE CONSIDERAR AO PESQUISAR POPULAÇÕES OCULTAS?.....	37
1. Acesso às populações ocultas	39
2. Elaboração da pesquisa	40
3. Equipe de campo	42
4. Seleção de métodos	45



5. Ética na pesquisa	47
6. Qualidade da informação	49
7. Impacto nas políticas públicas	51
8. Desafios e limitações	52
REFLEXÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS	56
ANEXO	59



DEFINIR O OCULTO

Métodos inovadores para a coleta de dados de populações de difícil acesso

Carina Lupica, Yasmin Mertehikian, Sofia Caravedo e Christian Silvera¹

Resumo

Este documento examina os desafios que a coleta de dados apresenta em populações de difícil acesso, caracterizadas por sua visibilidade estatística limitada devido a barreiras estruturais, sociais, legais ou de estigmatização. Essas limitações geram lacunas de informação que afetam diretamente a qualidade da elaboração, implementação e avaliação de políticas públicas, bem como a distribuição eficiente de recursos e a capacidade de promover um crescimento inclusivo.

A partir de uma revisão da literatura e de experiências aplicadas, esta nota técnica sistematiza e compara diferentes métodos inovadores utilizados para se aproximar dessas populações, muitos deles oriundos da saúde pública e posteriormente adaptados à análise social. Entre as abordagens mais utilizadas estão a amostragem por tempo e local (TLS), a amostragem dirigida (TS), a amostragem dirigida por respondentes (RDS) e a amostragem em bola de neve, cada uma com vantagens e limitações de acordo com o contexto, a densidade das redes sociais e os objetivos da pesquisa. Da mesma forma, destaca-se a utilidade de complementar esses métodos com técnicas qualitativas, como o cliente oculto e os estudos de vinheta, para captar dimensões mais profundas da experiência social.

O documento ressalta que não existe um método único aplicável a todas as situações, por isso a seleção metodológica deve responder ao contexto e às características de cada população. No nível operacional, a participação de membros da própria comunidade e a construção de laços de confiança com atores-chave são elementos essenciais para melhorar o acesso e a qualidade da informação, juntamente com considerações éticas como o uso do anonimato, da linguagem respeitosa e a criação de espaços seguros. Em última instância, pesquisar essas populações implica manter o equilíbrio entre a produção de evidências e a responsabilidade ética para não agravar as violações, reconhecendo que as abordagens mais eficazes combinam pluralidade metodológica, sensibilidade contextual e compromisso com a inclusão e visibilidade de realidades historicamente marginalizadas.

Classificação JEL: C80, C81, C82, C83, J18

Palavras-chave: *populações de difícil acesso, elaboração da pesquisa, métodos de amostragem, políticas públicas*

1. Carina Lupica e Yasmin Mertehikian trabalham na Divisão de Gênero e Diversidade do BID, e Sofia Caravedo e Christian Silvera trabalham na Equilibrium Business, Data and Communities. Os autores agradecem sinceramente a valiosa colaboração e o conhecimento compartilhado por Suzanne Duryea, Luciana Etcheverry, Nadin Medellín, Marta Luzes, Ercio Muñoz Saavedra, Blanca Torrinco, Yanira Marcela Oviedo-Gil, Luz Orellana Bautista, María Gutiérrez Damas, Yren Rotela Ramírez, Juan Alonzo González, Lisbeth Morales Pernalet, Juanita Ardila Hidalgo e Lisa G. Johnston, que participaram de entrevistas sobre suas experiências de pesquisa com diferentes métodos de coleta de dados em populações de difícil acesso. Da mesma forma, estendemos nossos agradecimentos a Cecilia Martinez Gomez, Francisco Riera, Rocío Ccasani, Milagros Reyes e Jackeline Velarde pelo apoio na assistência e edição do documento. Lilian C. de Campos Martinez, tradutora e editora, e Andrea Iturra, diagramadora, da Words for Development, foram responsáveis pelo texto em português, respectivamente. A imagem da capa foi criada com ajuda de ferramentas de inteligência artificial da Magnific. Qualquer erro ou omissão é de responsabilidade exclusiva dos autores. O conteúdo e as conclusões deste documento refletem as opiniões dos autores e não as do BID, de sua Diretoria Executiva ou dos países que representam.

Introdução

As populações ocultas apresentam desafios importantes para a pesquisa e a formulação de políticas públicas. Essas dificuldades decorrem, principalmente, da ausência de quadros amostrais que permitam identificá-las e do acesso limitado aos seus integrantes. A literatura oferece diversas definições que, em conjunto, compartilham duas características centrais: por um lado, a impossibilidade de construir listas ou quadros de referência que permitam sua amostragem através de métodos tradicionais e, por outro, a existência de barreiras que dificultam o acesso aos seus membros. Essas barreiras podem estar ligadas a fatores sociais como condições de saúde ou emprego, culturais, legais ou a processos de estigmatização (Heckathorn, 1997; Shaghghi et al., 2011).

Dentro das populações ocultas podem ser incluídos, por exemplo, os seguintes grupos de pessoas: em situação migratória irregular, situação de rua, com HIV, privadas de liberdade, LGB-TQ+, que usam drogas ilegais, sobreviventes de violência doméstica ou sexual, profissionais do sexo, entre outras. Mesmo se tratando de grupos diversos, compartilham condições que dificultam sua visibilidade estatística e participação em estudos tradicionais.

Muitos dos métodos² utilizados para estudar essas populações foram inicialmente desenvolvidos no campo da saúde pública. Nesse âmbi-

to, era essencial compreender os processos de transmissão de doenças, os comportamentos de risco e as desigualdades no acesso aos serviços de saúde. No entanto, com o tempo, esses métodos demonstraram ser também ferramentas valiosas para analisar as dinâmicas sociais, culturais e econômicas que configuram as experiências e as condições de vida desses grupos.

Nesse contexto, surge a necessidade de recompor e sistematizar os diferentes métodos utilizados para a coleta de dados em populações de difícil acesso, bem como analisar as lições aprendidas em seu projeto e implementação. A revisão de experiências anteriores — tanto na pesquisa acadêmica quanto no âmbito das políticas públicas — permite identificar abordagens mais adequadas para lidar com as características, necessidades e contextos dessas populações.

Diante da questão de **como escolher o método mais adequado** de acordo com os objetivos de pesquisa ou de política, este documento oferece um panorama das diferentes abordagens utilizadas para estudar populações ocultas. Para isso, apresenta suas principais vantagens e limitações, as ilustra com exemplos concretos e oferece recomendações práticas com base na literatura e na experiência acumulada de pesquisadores e profissionais que trabalham com essas populações.

2. O uso de conceitos como método e técnica neste documento não deve ser confundido com o significado empregado no campo da epistemologia, da filosofia da ciência e do estudo dos métodos científicos. Nesses âmbitos, os conceitos de método, metodologia, técnica e instrumento de pesquisa não são equivalentes, e seu uso indistinto gera certa confusão. Neste documento, o método refere-se às etapas lógicas que estruturam a geração de conhecimento científico (desde a formulação do problema e da questão de pesquisa até a formulação e o teste de hipóteses) e pode ser classificado, por exemplo, como dedutivo ou indutivo, de acordo com a direção do raciocínio em relação aos dados. A metodologia, por outro lado, é aqui entendida como a forma como tal método é operacionalizado, orientando o tipo de dados e análises que conduzem o processo; nesse nível, distingue-se entre abordagens quantitativas, qualitativas e mistas, conforme a preferência pela generalização estatística em grandes amostras ou a compreensão de processos e mecanismos em amostras mais reduzidas. As técnicas referem-se aos procedimentos concretos para coletar e analisar informações (por exemplo, pesquisas, entrevistas, observação ou experimentos), enquanto os instrumentos constituem as ferramentas específicas empregadas para tal fim: questionários, escalas de medição, guias de entrevista estruturada, testes padronizados, entre outros. O problema da amostragem populacional se insere no nível da elaboração do instrumento, na medida em que compreende as estratégias por meio das quais são identificados e selecionados os indivíduos que fornecerão as informações necessárias para responder às questões de pesquisa. Para facilitar a leitura, no entanto, no presente documento, os conceitos de método, técnica e instrumento de amostragem são utilizados de forma indistinta.

1 Referencial teórico e conceitual

Perspectivas teóricas e definições

Existem diferentes definições sobre as populações ocultas (ver **TABELA 1**). Em termos gerais, o conceito refere-se a **grupos com baixa visibilidade social, aos quais o acesso é difícil e para os quais não existem listas, registros ou quadros amostrais que permitam identificá-los e selecioná-los por meio de métodos de amostragem convencionais**. Essa situação dificulta tanto sua identificação e quantificação quanto a produção de informações confiáveis sobre suas características e condições de vida.

O estudo das populações ocultas exige o reconhecimento de uma série de características que as distinguem e que explicam, em grande parte, as dificuldades metodológicas e éticas que aparecem na sua pesquisa. Nesses contextos, os desafios técnicos — como o acesso, o recrutamento ou a coleta de informações sensíveis — não podem ser analisados isoladamente das considerações éticas, já que incidem diretamente na proteção da autonomia, da segurança e da confidencialidade das pessoas participantes³.

Tabela 1. Populações ocultas: definições e características

Fonte/Ano	Definição
Watters & Biernacki, 1989	As populações ocultas são populações que se tornam invisíveis para a sociedade, pois algumas de suas práticas, por serem clandestinas, ficam fora do olhar da sociedade e dos mecanismos de controle social.
Heckathorn, 1997	Esses grupos compartilham duas características: (1) não possuem um quadro amostral, o que torna o tamanho de sua população desconhecido, e (2) têm receio de se expor, pois suas atividades ou identidades são socialmente estigmatizadas e, por isso, muitas pessoas não participam de estudos ou dão respostas para proteger sua privacidade, o que torna os resultados menos fiáveis.
UNAIDS & OMS, 2010	A Organização Mundial da Saúde (OMS) destaca que se trata de grupos de pessoas que, devido ao caráter ilegal ou estigmatizado de alguns de seus comportamentos de risco em relação ao HIV, tendem a permanecer ocultos. Essa situação dificulta o acesso a esses grupos através dos métodos convencionais de vigilância epidemiológica.
Shaghaghi, Bhopal & Sheikh, 2011	As populações ocultas caracterizam-se por não serem acessíveis através de métodos convencionais de pesquisa, devido à sua baixa visibilidade social e à ausência de quadros amostrais disponíveis. Costumam apresentar algumas das seguintes características: (1) alta mobilidade, (2) tendência a ocultar suas atividades por medo de confronto com as autoridades e (3) pressão social exercida por grupos majoritários.
Vidal, 2021	Embora a Organização Internacional para as Migrações (OIM) não possua uma definição própria de população oculta, reconhece que muitas pessoas migrantes podem fazer parte desses grupos, o que dificulta sua identificação e contabilização. Da mesma forma, alerta que migrantes em situações de maior vulnerabilidade raramente aparecem nas estatísticas oficiais, o que contribui para uma disponibilidade limitada de dados migratórios de qualidade.

Fonte: Elaboração própria.

3. A pesquisa com seres humanos implica uma tensão estrutural entre a proteção do bem-estar individual e a geração de conhecimento para o interesse público. Ver Resnik, D. B. (2018). *The ethics of research with human subjects: Protecting people, advancing science, promoting trust*. Springer International Publishing.

Características das populações ocultas

As populações ocultas ou de difícil acesso costumam apresentar características como alta mobilidade, estratégias de ocultação motivadas pela estigmatização social ou pelo medo de sanções legais, assim como contextos de discriminação e rejeição social que as desestimulam a revelar sua identidade publicamente. Essas condições não apenas geram uma escassez de informações estatísticas, mas também limitam a elaboração de políticas públicas baseadas em evidências, afetando a capacidade de resposta institucional às suas necessidades. A literatura especializada identificou pelo menos seis características centrais que permitem compreender a complexidade de sua abordagem.

Ausência de um quadro amostral (C1)

Não existem listas ou registros oficiais⁴ de populações ocultas que permitam identificá-las de maneira sistemática (Heckathorn, 1997). A ausência de um quadro amostral impede a aplicação de métodos convencionais de amostragem — como a amostragem aleatória simples, a estratificada ou a por conglomerados —, que requerem informações de referência prévias para calcular amostras representativas (Cochran, 1977). Diante dessa limitação, as equipes de pesquisa recorrem a métodos alternativos, como a amostragem em bola de neve ou a amostragem dirigida pelos próprios respondentes (participan-

tes)⁵, que permitem aproximações válidas, ainda que com certas restrições de representatividade e validade estatística (Heckathorn, 1997).

Tendência a ocultar sua condição ou atividades (C2)

As populações ocultas costumam evitar ser identificadas por equipes de pesquisa ou instituições devido ao medo de sanções legais ou sociais. Essa tendência diminui a disposição para participar de pesquisas e entrevistas, assim como fornece informações incompletas ou imprecisas (Shaghaghi et al., 2011). Essa dinâmica é observada tanto no nível individual quanto coletivo, uma vez que os membros desses grupos buscam proteger sua própria segurança e, ao mesmo tempo, a de outros integrantes.

Estigmatização e exclusão social (C3)

As características, comportamentos ou condições próprias dessas populações costumam ser estigmatizados e provocar sua exclusão social (Watters & Biernacki, 1989). Essa situação pode gerar medo de julgamento, rejeição ou criminalização, o que constitui uma barreira adicional ao acesso a serviços essenciais e programas de apoio. A exclusão e a estigmatização podem aumentar sua vulnerabilidade e comprometer seu bem-estar integral (UNAIDS & OMS, 2010).

4. Isso se refere a censos, cadernos de registro ou outros registros institucionais que permitem identificar os membros de uma população..

5. Método conhecido como *Respondent-Driven Sampling (RDS)*.

Situação de vulnerabilidade (C4)

As populações ocultas geralmente se encontram em condições de vulnerabilidade, entendida como a falta de recursos e oportunidades necessários para garantir o pleno exercício de seus direitos e satisfazer suas necessidades básicas. Isso inclui tanto carências tangíveis — como o acesso limitado a serviços de saúde, educação, moradia ou emprego — quanto formas de exclusão social e a ausência de reconhecimento por parte das instituições (OMS & ONU, 2010).

Alta mobilidade e dispersão geográfica (C5)

Em muitos casos, as populações ocultas não permanecem no mesmo local, mas se deslocam constantemente, o que complica seu monitoramento e acompanhamento ao longo do tempo (Heckathorn, 1997). Essa mobilidade pode ser interna — dentro de uma cidade ou região — ou externa — entre países —, o que dificulta o estabelecimento de pontos de contato estáveis para a pesquisa (Vidal, 2021). Além disso, a dispersão geográfica aumenta os custos e os recursos logísticos necessários para a amostragem e a coleta de dados.

Baixa confiança nas instituições (C6)

As populações ocultas costumam demonstrar desconfiança em relação às instituições estatais, centros de pesquisa e até mesmo algumas organizações da sociedade civil. Essa atitude está relacionada a experiências anteriores de discriminação, assédio ou perseguição, o que faz com que essas pessoas duvidem ou se sintam relutantes em fornecer informações ou participar de estudos (Shaghaghi et al., 2011). Por isso, é fundamental gerar confiança e fortalecer os laços com a comunidade, mediante práticas que garantam a proteção das informações pessoais, reduzam riscos e assegurem transparência na coleta e no uso dos dados. Esses princípios são centrais na ética da pesquisa com seres humanos e são necessários para promover a legitimidade e a participação em contextos de vulnerabilidade (Resnik, 2018).

Grupos identificados como populações ocultas

Diferentes autores documentaram a presença de populações ocultas em contextos variados, destacando que estas costumam permanecer invisíveis devido a condições legais, sociais ou de saúde que geram estigma ou exclusão. A **TABELA 2** resume essas informações, identificando os grupos considerados populações ocultas, os autores que os estudaram e as características que apresentam de acordo com a tipologia descrita nas seções anteriores (C1–C6).

Tabela 2. Classificação comparativa de populações ocultas

População oculta	Autor(es)	C1	C2	C3	C4	C5	C6
Pessoas usuárias de drogas ilegais	Watters & Biernacki (1989)	✓	✓	✓	✓		✓
Pessoas que exercem o trabalho sexual	Heckathorn (1997)	✓	✓	✓	✓		✓
Pessoas em situação migratória irregular	Shaghaghi, Bhopal & Sheikh (2011)		✓		✓	✓	✓
Pessoas em situação de rua	Shaghaghi, Bhopal & Sheikh (2011)	✓		✓	✓		✓
Pessoas com HIV/AIDS	UNAIDS & OMS (2010)		✓	✓	✓		✓
Homens que fazem sexo com homens (HSH)	UNAIDS & OMS (2010)		✓	✓	✓		✓
Pessoas LGBTQ+	Equilibrium Business, Data and Communities (BDC) (2025)	✓	✓	✓	✓		✓
Pessoas que trabalham em economias ilegais, como o contrabando	Heckathorn (1997)	✓	✓	✓		✓	✓
Pessoas com determinadas doenças (por ex., COVID-19)	Soltanian et al. (2020)	✓	✓	✓	✓		

Fonte: Elaboração própria com base em Watters & Biernacki (1989); Heckathorn (1997); Shaghaghi, Bhopal & Sheikh (2011); UNAIDS & OMS (2010); Equilibrium (2023), Soltanian et al. (2020).

A **TABELA 2** mostra que a maioria das populações ocultas reúne múltiplas características que dificultam sua identificação e inclusão em processos de pesquisa. Os exemplos a seguir ilustram essas dinâmicas:

- **As pessoas que usam drogas ilegais e as que exercem o trabalho sexual** concentram quase todas as condições analisadas (C1, C2, C3, C4 e C6), evidenciando altos níveis de invisibilidade social e uma marcante desconfiança nas instituições.
- **As pessoas em situação migratória irregular** caracterizam-se principalmente por sua alta mobilidade (C5), dificultando sua localização e gerando lacunas significativas nos registros administrativos e estatísticos.
- **As pessoas em situação de rua** compartilham a falta de registros oficiais (C1) e uma situação de vulnerabilidade estrutural (C4), limitando sua representação em estudos convencionais.
- **Pessoas que vivem com HIV/AIDS e homens que fazem sexo com homens (HSH)** enfrentam principalmente barreiras associadas à estigmatização social (C3) e à desconfiança em relação às instituições (C6).

- A pandemia da COVID-19 evidenciou que as doenças transmissíveis podem dar origem a populações ocultas ao combinar a ocultação da condição de saúde (C2) com a ausência de quadros amostrais (C1) e o medo da estigmatização (C3).

Em conjunto, esta análise mostra que essas populações não estão isoladas nas dinâmicas de exclusão, mas compartilham um conjunto de características que reforçam sua invisibilidade e aprofundam sua vulnerabilidade social.

Por fim, é importante ressaltar que fatores contextuais — como a localização geográfica, o contexto social e cultural, o momento histórico, bem como a legislação vigente e as políticas públicas — influenciam significativamente a forma como essas populações são percebidas, reconhecidas e estudadas. Nesse sentido, a classificação proposta não deve ser entendida como uma tipologia rígida ou universal, mas como uma aproximação analítica fundamentada na literatura e aberta a variações de acordo com as condições específicas de cada contexto.

2

Métodos para a pesquisa de populações ocultas

A pesquisa de populações ocultas representa um desafio metodológico devido à ausência de quadros amostrais formais e à existência de barreiras estruturais que dificultam o acesso aos seus integrantes. Em particular, a aplicação de métodos tradicionais de amostragem probabilística é limitada por pelo menos dois pressupostos que não fazem parte desses contextos.

Em primeiro lugar, esses métodos pressupõem a existência de quadros amostrais completos e acessíveis — como registros administrativos ou bancos de dados oficiais — que permitam identificar e selecionar aleatoriamente as unidades de análise. Contudo, no caso das populações ocultas, tais quadros costumam ser inexistentes ou incompletos (Heckathorn, 1997; Shaghaghi et al., 2011).

Em segundo lugar, partem do pressuposto de que as pessoas estão dispostas a participar e a serem identificadas como parte do grupo de estudo. No entanto, muitas populações ocultas enfrentam barreiras para interagir com os sistemas formais de registro ou identificação, já que suas características, práticas ou condições costumam estar associadas a contextos de estigmatização, criminalização ou sanção social.

Para superar essas limitações, a literatura metodológica desenvolveu uma série de técnicas de amostragem inovadoras, probabilísticas e

não probabilísticas, que permitem abordar essas populações de maneira mais adequada. Esses métodos buscam equilibrar duas dimensões centrais: **(i)** ampliar o acesso a grupos de difícil contato e **(ii)** melhorar a validade e a representatividade dos dados coletados.

A seguir, são apresentados sete métodos comumente utilizados na pesquisa de populações ocultas. A organização dos métodos responde a um critério de complexidade metodológica e operacional (da menor para a maior), ou seja, ao nível de estrutura técnica, requisitos estatísticos e procedimentos logísticos necessários para acessar essas populações ou fazer uma estimativa de suas características.

Os cinco primeiros métodos correspondem a diferentes estratégias concebidas para identificar, acessar e estimar características de populações com baixa visibilidade social ou para as quais não existem quadros amostrais claramente definidos.

Da mesma forma, são incluídos dois métodos complementares empregados na coleta de informações com populações ocultas (6 e 7). Essas abordagens estão direcionadas principalmente para a observação e exploração de experiências, práticas e percepções, e fornecem informações descritivas e contextuais que se revelam especialmente úteis para compreender barreiras, dinâmicas de interação e padrões de comportamento.



Amostragem em bola de neve (*Snowball Sampling*)

Descrição

A amostragem em bola de neve (*snowball sampling*) é um método não probabilístico no qual as primeiras pessoas que participam do estudo — denominadas amostra inicial ou “sementes” — indicam outras pessoas que pertencem à população-alvo, dando origem a um processo de recrutamento em cadeia. O método aproveita as conexões ou redes sociais existentes dentro da população de interesse para acessar pessoas que podem ser difíceis de contatar por métodos de amostragem convencionais, como a amostragem aleatória simples ou a amostragem estratificada. A literatura aponta que a amostragem em bola de neve é útil tanto para pesquisas qualitativas quanto quantitativas, especialmente em contextos de baixa visibilidade social ou alta estigmatização (Ting et al. 2025).

Seleção da amostra

Este método requer uma definição precisa da população-alvo e o estabelecimento de critérios de inclusão rigorosos. A coleta de dados começa com uma amostra semente, composta por participantes selecionados intencionalmente pela equipe de pesquisa. Cada participante indica outras pessoas que atendem aos critérios de

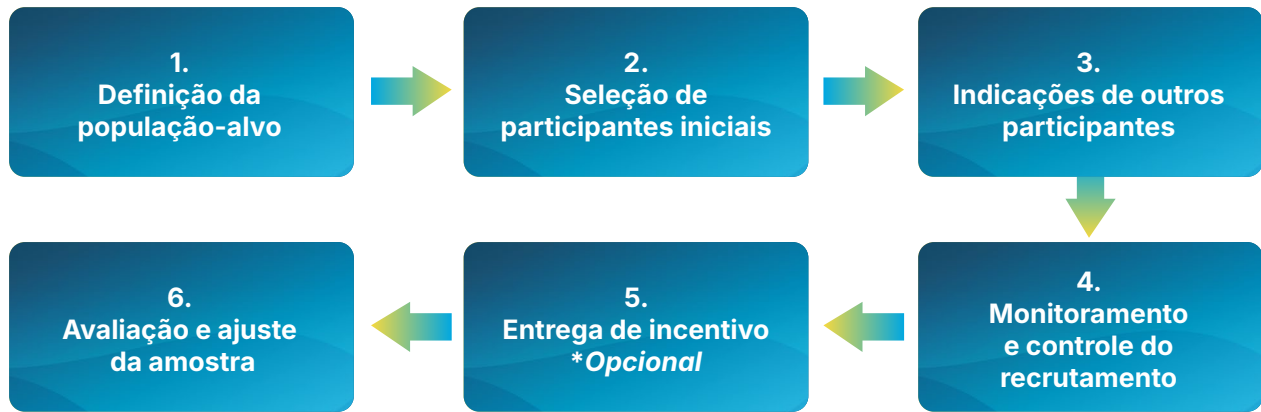
inclusão definidos, as quais, por sua vez, podem recrutar novos membros, dando origem a um processo de recrutamento em cadeia.

O recrutamento continua até atingir o tamanho da amostra previsto ou alcançar a saturação teórica, definida como o ponto em que a incorporação de novos participantes deixa de contribuir com propriedades ou conhecimentos teóricos relevantes para a análise (Bryant e Charmaz, 2007)⁶. É fundamental monitorar e regular o fluxo de referências, visto que o método é especialmente sensível à formação de agrupamentos que poderiam produzir uma amostra excessivamente homogênea ou com indivíduos muito semelhantes entre si. Nesse sentido, Saunders et al. (2023) ressaltam que a regulação das referências contribui para obter uma amostra mais diversificada e equilibrada, o que fortalece a validade e a precisão das informações coletadas.

Em determinados contextos, é possível incluir incentivos pela participação direta ou pela indicação ou incorporação de novas pessoas à amostra. Por fim, a diversidade e a representatividade da amostra obtida são avaliadas através da análise das características demográficas e sociais da população que respondeu a pesquisa (Ting et al. 2025).

6. Hennink e Kaiser (2022) concluem que a saturação da amostra depende principalmente da riqueza de informações, e não do número total de participantes.

Figura 1. Processo de amostragem em bola de neve



Fonte: Ting et al., 2025. Elaboração própria.

Vantagens do método

- Permite amplo acesso às populações ocultas por redes sociais e laços de confiança.
- É eficiente em tempo e custo em comparação com os métodos de amostragem probabilística.
- Favorece altas taxas de resposta ao se basear em relações de confiança entre participantes.

- Requer amostras maiores para mitigar suas limitações em comparação com os métodos probabilísticos.

A amostragem em bola de neve constitui uma estratégia valiosa para estudar populações ocultas ao facilitar o acesso a grupos de difícil alcance mediante redes de confiança e laços sociais. Além disso, ficou demonstrado que essa técnica gera altas taxas de resposta devido ao nível de privacidade e apoio que as redes sociais oferecem entre participantes. Porém, suas limitações em termos de representatividade e a presença de possíveis vieses indicam que os resultados devem ser interpretados com cautela. Nesse sentido, a técnica é especialmente útil como ferramenta exploratória ou complementar a outros métodos, mais do que como um mecanismo suficiente por si só para fazer estimativas generalizáveis sobre a população-alvo.

Limitações metodológicas

- Apresenta um controle limitado sobre o tamanho e a composição da amostra, o que pode introduzir vieses de homofilia, ou seja, a tendência das pessoas a se conectar com outras que compartilham características semelhantes.
- Pode gerar problemas de representatividade, pois certos subgrupos da população tendem a estar super-representados, enquanto outros ficam sub-representados ou excluídos.

EXPERIÊNCIA 01 - Nova Southeastern University: uso do LinkedIn por estudantes de doutorado para acessar populações ocultas

Dusek et al. (2015) documentam o uso de redes profissionais online, particularmente o LinkedIn, como ferramenta para o recrutamento de participantes em estudos com populações de difícil acesso. Nesta experiência desenvolvida na Nova Southeastern University, estudantes de doutorado combinaram amostragem dirigida (*targeted sampling*) e amostragem em bola de neve (*snowball sampling*) por meio da distribuição de questionários online através de links personalizados compartilhados na plataforma.

O uso de links personalizados permitiu iniciar o recrutamento a partir de contatos profissionais existentes e expandir progressivamente a amostra através de redes de referência. Essa abordagem facilitou o acesso a participantes que, de outra forma, seriam difíceis de identificar ou contatar, e alcançou taxas de resposta relativamente altas (entre 42% e 54%). Além disso, a modalidade online ofereceu vantagens como maior privacidade para responder a perguntas delicadas e uma redução significativa dos custos associados à coleta de dados.

Entretanto, os autores alertam sobre algumas limitações metodológicas. Em particular, a dependência de redes profissionais pré-existentes pode enviesar o alcance para determinados perfis; o recrutamento em cadeia tende a limitar a diversidade dos participantes; e a circulação de links entre redes amplas reduz o controle sobre a divulgação do questionário, o que apresenta desafios para a representatividade da amostra e o controle de qualidade dos dados.

Fonte: Dusek et al. (2015).



Amostragem dirigida

(Targeted Sampling)

Descrição

A amostragem dirigida (*targeted sampling*) é um método não probabilístico que se baseia na seleção estratégica de zonas geográficas e subgrupos específicos dentro da população-alvo. Sua aplicação se sustenta no conhecimento prévio da equipe de pesquisa e na realização de um mapeamento ou avaliação etnográfica inicial. O método consiste em identificar e registrar populações específicas dentro de áreas geográficas definidas para posteriormente elaborar um plano sistemático de recrutamento que garanta a incorporação de um número adequado de participantes em cada grupo ou local (Watters & Biernacki, 1989).

Seleção da amostra

O processo começa com a identificação de subgrupos relevantes dentro da população-alvo, a partir de uma avaliação etnográfica ou diagnóstico preliminar que permita descrever suas principais características sociodemográficas, padrões de interação e localização geográfica.

Esses subgrupos se transformam em estratos de amostragem, aos quais são atribuídas cotas específicas em função de seu peso relativo ou representatividade dentro da população total. Dentro de cada estrato, é selecionado um número predeterminado de participantes que atendam aos critérios de inclusão definidos pela pesquisa. Esse procedimento contribui para uma cobertura mais equilibrada e sistemática dos diferentes segmentos da população estudada (Watters & Biernacki, 1989).

Vantagens do método

- Amplia a cobertura dos subgrupos mais difíceis de captar dentro das populações ocultas.
- Permite concentrar esforços e otimizar recursos mediante priorização de locais estratégicos.
- Permite ajustes durante a implementação, como a reorientação do recrutamento para áreas ou subgrupos sub-representados.

Limitações metodológicas

- Depende em grande medida da exaustividade e precisão do diagnóstico ou avaliação inicial.
- Pode aumentar os custos e a carga operacional (recursos humanos e tempo), principalmente quando os subgrupos estão geograficamente isolados ou dispersos.
- É sensível a vieses associados à seleção de locais, limitando a generalização dos resultados caso não abranja todas as áreas onde se concentra a população-alvo.

Em termos comparativos, a amostragem dirigida representa um avanço em relação à amostragem em bola de neve, ao incorporar um planejamento mais sistemático e uma maior cobertura de subgrupos dentro de populações ocultas. Ao basear-se em um diagnóstico etnográfico inicial, permite uma alocação mais eficiente dos recursos e contribui para equilibrar a representatividade dos diferentes segmentos estudados. No entanto, sua eficácia depende da qualidade da avaliação preliminar e da capacidade operacional para abranger territórios e subgrupos diversos, o

que implica mais exigências de tempo e custo.

Consequentemente, esse método se apresenta como uma alternativa útil para pesquisas que buscam superar as limitações exploratórias da

amostragem em cadeia, mantendo, ao mesmo tempo, uma dependência significativa da qualidade do mapeamento inicial de subgrupos e locais-chave.

EXPERIÊNCIA 02 - Recrutamento de participantes em contextos urbanos por mapeamento geográfico em Baltimore, Maryland

Allen et al. (2019) aplicaram uma amostragem dirigida para coletar dados de profissionais do sexo em espaços públicos e analisar a relação entre práticas policiais, sua saúde e exposição ao HIV. Através de um mapeamento geográfico, a equipe identificou zonas estratégicas onde era possível localizar a população-alvo.

Numa primeira etapa, foram coletados dados secundários, como registros de prisões por prostituição, ligações para a polícia e publicações em fóruns online, o que permitiu determinar a distribuição espacial do trabalho sexual. Com essas informações, foi elaborado um mapa preliminar de bairros, selecionando aqueles que concentravam maior densidade de incidentes e diversidade de pontos de encontro (centro, periferia e zonas mistas de residência e comércio). Posteriormente, foram realizadas visitas de campo com percursos de carro, caminhadas e acompanhamentos de patrulhas policiais para validar as zonas ativas identificadas.

Na segunda etapa, foi construído um quadro amostral com base nas zonas selecionadas. O trabalho de campo foi realizado em 129 turnos, somando mais de 500 horas de trabalho, o que permitiu recrutar 250 profissionais do sexo. Durante a execução, foi necessário ajustar alguns pontos de amostragem, pois certos locais se mostraram muito extensos ou apresentaram baixa atividade nos períodos de recrutamento.

A amostragem dirigida mostrou ser flexível e eficaz para acessar populações ocultas em contextos urbanos, desde que acompanhada de uma análise espacial rigorosa que permita definir adequadamente as unidades de amostragem (combinação de local, dia e hora) e capturar a variabilidade temporal. Entre seus principais desafios estão a alta demanda por recursos, os limites de representatividade e a possível exclusão de subgrupos em zonas periféricas ou de difícil acesso.

Fonte: Allen et al., 2019.



Método de captura-recaptura

(Capture-Recapture)

Descrição

O método de captura-recaptura (*capture-recapture*) tem origem na ecologia, onde foi concebido para estimar o tamanho das populações de animais em seu habitat natural. Posteriormente, foi adaptado às ciências sociais e da saúde com o objetivo de realizar a estimativa do tamanho de populações ocultas ou de difícil acesso.

Trata-se de um método não probabilístico com base na realização de duas ou mais rodadas de "captura" de indivíduos pertencentes à população-alvo. Na primeira rodada, as pessoas participantes são identificadas e registradas, enquanto nas sucessivas são incorporados novos registros e se distingue aqueles que já tinham sido capturados antes. A validade das estimativas depende do cumprimento de certos pressupostos críticos, entre os quais se destaca a estabilidade do tamanho e da composição da população durante o período de observação (Shaghghi et al., 2011).

Seleção da amostra

1. O processo tem uma primeira fase de captura, na qual são identificadas e registradas pessoas pertencentes à população-alvo (C_1).
2. Depois, ocorre uma segunda fase de recaptura, na qual as pessoas da mesma população são identificadas novamente para registrar, especificamente, aquelas que já constavam na primeira fase (C_2).
3. A partir das informações obtidas em ambas as rodadas, é aplicada a fórmula de Lincoln-Peterson, que permite estimar o tamanho total da população (N_e) a partir da relação entre o número de pessoas capturadas na primeira rodada, as capturadas na segunda e as recapturadas em ambas as rodadas (Adebajo et al., 2013).

Em Shaghghi et al. (2011), a fórmula de Lincoln-Petersen é apresentada da seguinte forma:

$$N_e = \frac{(C_1 + 1)(C_2 + 1)}{(R + 1)} - 1 \quad (1)$$

Onde:

- N_e é o tamanho estimado da população.
- C_1 é o número de indivíduos contados na primeira captura.
- C_2 é o número de indivíduos contados na segunda captura.
- R é o número de indivíduos "recapturados" (que apareceram em ambas as amostras).

A aplicação dessa fórmula permite estimar o tamanho total da população oculta em estudo. Embora esse valor seja aproximado e dependa dos pressupostos do método, constitui um dado valioso para avaliar a magnitude do grupo-alvo, orientar a elaboração de estratégias de pesquisa e planejar intervenções que contribuam para a formulação de políticas públicas mais adequadas à realidade dessa população.

Vantagens do método

- Permite estimar o tamanho da população-alvo sem a necessidade de um quadro amostral.
- É particularmente útil para estudar grupos concentrados em locais específicos.
- É relativamente simples e econômico de implementar, em comparação com outros métodos de estimativa populacional.

Limitações metodológicas

- Depende de suposições rigorosas, especialmente a estabilidade da população entre rodadas (ausência de migração, mortalidade ou incorporação de novos membros), condição que raramente é atendida por completo em contextos sociais.
- Apresenta menor eficácia em populações geograficamente dispersas ou com alta mobilidade.
- Pode introduzir vieses de recaptura, uma vez que as pessoas não têm necessariamente a mesma probabilidade de serem identificadas ou capturadas novamente.

O método de captura-recaptura é uma ferramenta útil para obter estimativas quantitativas do tamanho de populações ocultas sem a necessidade de um quadro amostral. Destaca-se por sua relativa simplicidade operacional, baixo custo e viabilidade em contextos nos quais a população se encontra geograficamente concentrada. Porém, a qualidade das estimativas depende em grande medida do cumprimento de pressupostos rigorosos, em particular a estabilidade populacional e a igualdade das probabilidades de recaptura, o que restringe sua aplicabilidade em contextos sociais mais dinâmicos.

EXPERIÊNCIA 03 - Aplicação do método de captura-recaptura para estimar o tamanho da população com alta vulnerabilidade ao HIV na Nigéria

Adebajo et al. (2013) utilizaram o método de captura-recaptura para estimar o tamanho da população de homens que têm relações sexuais com homens e que exercem trabalho sexual (HSH-TS) em três cidades da Nigéria: Lagos, Kano e Port Harcourt. Foram identificados 56 pontos de encontro em Kano, 38 em Lagos e 42 em Port Harcourt, onde os HSH-TS se reuniam com seus clientes. Os resultados mostraram que, em uma noite média de fim de semana, a população era de aproximadamente 723 em Port Harcourt, 620 em Lagos e 353 em Kano.

O estudo evidenciou a existência de um grupo com alta vulnerabilidade ao HIV, invisibilizado pela estigmatização e criminalização tanto da homossexualidade quanto do trabalho sexual, e destacou a necessidade de programas de prevenção e pesquisa voltados para essas populações.

Etapas aplicadas:

- 1. Entrevistas com informantes-chave:** Permitiram identificar os locais e horários em que os HSH-TS se encontravam com seus clientes.
- 2. Primeira captura:** Entrevistas com os HSH-TS em que se entregou um “objeto de identificação” a cada participante (neste caso, um chaveiro).
- 3. Segunda captura:** Duas semanas depois, a coleta de dados foi realizada nos mesmos locais e horários; a equipe repetiu o processo de entrevistas e perguntou aos participantes se tinham recebido um chaveiro na primeira captura.
- 4. Registro de coincidências:** Foi contabilizado o número de participantes na primeira e na segunda captura, bem como quantos receberam objetos de identificação (capturados e recapturados).
- 5. Estimativa do tamanho da população:** Foi aplicada a fórmula de Lincoln-Petersen para estimar o tamanho da população em cada cidade e calcular seus intervalos de confiança.

Fonte: Adebajo et al. (2013).



Amostragem por tempo e local

(Time-Location Sampling, TLS)

Descrição

A amostragem por tempo e local (*Time-Location Sampling, TLS*) é um método probabilístico utilizado para coletar informações sobre populações ocultas a partir da amostragem dos locais onde a população-alvo costuma se reunir. Nessa abordagem, a unidade estatística inicial são os *venues*, definidos como combinações específicas de local, dia e horário em que a população-alvo se reúne regularmente.

A seleção aleatória dos *venues* permite construir uma estrutura amostral operacional e organizar um recrutamento sistemático de participantes. Entretanto, a cobertura populacional pode ser limitada quando certos membros da população não frequentam os locais identificados (Karon & Wejnert, 2012).

Seleção da amostra

- 1. Fase exploratória:** Realiza-se um mapeamento dos *venues* frequentados pela população-alvo. Essas informações permitem construir o quadro amostral, incluindo os locais e os períodos relevantes.
- 2. Seleção probabilística de locais:** Os *venues* são selecionados pela amostragem aleatória simples ou estratificada, constituindo a unidade primária de amostragem. Isso garante uma cobertura representativa dos espaços onde se concentra a população-alvo.
- 3. Recrutamento sistemático:** São programadas visitas aos *venues* selecionados e os instrumentos são aplicados de maneira ordenada (por exemplo, convidando a participar a cada terceira pessoa elegível que entra no *venues* durante o período definido).
- 4. Análise de dados:** As informações coletadas são processadas incorporando ponderações de acordo com a probabilidade de seleção, com o objetivo de chegar a estimativas representativas da população que frequenta os *venues*.

Figura 2. Processo de amostragem por tempo e local



Fonte: Elaboração própria com base em Karon e Wejnert, 2012.

Vantagens do método

- Oferece uma base teórica rigorosa, compatível com métodos tradicionais de pesquisas probabilísticas.
- Reduz o viés de mascaramento (*masking*) e os problemas associados à amostragem por cadeia de referência.
- Facilita a aplicação de modelos estatísticos avançados, como regressões lineares ou logísticas.

- A representatividade é limitada, já que as inferências se restringem à população que frequenta os *venues* incluídos na estrutura amostral.

O TLS oferece maior solidez estatística ao se basear em princípios probabilísticos e em um quadro amostral estruturado a partir dos *venues*. Sua aplicação contribui para reduzir o viés de ocultação e facilitar análises mais sistemáticas e comparáveis. Contudo, seu alcance se limita às pessoas que frequentam os locais identificados, deixando de fora quem não os frequentam. Embora o TLS seja um avanço em termos de validade e comparabilidade, a aplicação exige uma delimitação cuidadosa do quadro amostral e a disponibilidade de recursos para sustentar o amplo trabalho de campo.

Limitações metodológicas

- Exclui as pessoas que não frequentam os lugares ou *venues* selecionados, gerando viés de não cobertura.
- Geralmente implica custos operacionais mais elevados do que outros métodos, devido à duração, ao planejamento e à complexidade do trabalho de campo.

EXPERIÊNCIA 04 - Aplicação da amostragem por tempo e local (TLS) para vigilância comportamental na Guatemala

A Division of Global HIV/AIDS, Center for Global Health, Centers for Disease Control and Prevention de Atlanta e a Universidade do Vale da Guatemala implementaram o TLS em estudos de vigilância comportamental com homens que fazem sexo com homens (HSH).

Foi elaborado um levantamento inicial dos locais frequentados pela população-alvo com base em informações de estudos anteriores, entrevistas com informantes-chave e grupos focais. Foram mapeados todos os locais públicos e semipúblicos onde os HSH socializavam ou procuravam parceiros, incluindo boates, bares, academias, entre outros.

Posteriormente, se verificou a vigência e a acessibilidade de cada local mediante visitas exploratórias, com as quais foi construído um quadro amostral atualizado de *venues* ativos. Mensalmente, eram selecionados cerca de quarenta locais aleatoriamente, enquanto outros dois eram escolhidos pela equipe do estudo para garantir a representação de espaços com menor frequência de visitas. Os *venues* com menos de sete participantes elegíveis eram substituídos por outros com características semelhantes.

Nos *venues*, os participantes eram abordados de forma sistemática (a cada cinco pessoas); era obtido o consentimento informado por escrito; era administrado o questionário e eram entregues materiais educativos juntamente com um incentivo de seis dólares americanos, registrando tanto a adesão quanto as recusas em participar.

O TLS apresenta vantagens como um sólido respaldo teórico e a possibilidade de realizar análises estatísticas com softwares amplamente difundidos (Python, RStudio ou Stata). No entanto, o estudo enfatiza a importância de manter a consistência na representação da amostra, visto que qualquer variação pode afetar sua composição e a capacidade de avaliar tendências ao longo do tempo.

Fonte: Paz-Bailey et al., 2013.



Amostragem dirigida por respondentes

(Respondent-Driven Sampling, RDS)

Descrição

A amostragem dirigida por respondentes (*Respondent-driven Sampling, RDS*) é um método de seleção de participantes que se baseia em cadeias de referências entre membros da população de interesse. Apesar de iniciar como um método não probabilístico, sua combinação com modelos matemáticos de ponderação e ajuste permite corrigir os vieses decorrentes da seleção não aleatória. Isso confere ao RDS características semelhantes às de uma amostragem probabilística, aumentando sua validade para estudos empíricos e facilitando a estimativa de parâmetros populacionais.

O RDS é organizado em cadeias de recrutamento controladas por mecanismos específicos que regulam e facilitam a incorporação de novos participantes. Seus principais componentes são os seguintes:

- **Sistema de duplo incentivo:** Cada participante recebe um incentivo por participar e outro por recrutar seus pares⁷.

- **Limitação do número de referências ou pessoas indicadas:** Cada participante pode convidar apenas um número predeterminado de pessoas.
- **Recrutamento em cadeia:** Novos participantes são incorporados por referências de outros participantes, e não diretamente pela equipe de pesquisa (Heckathorn, 1997, 2002).

Seleção da amostra

O processo começa com um grupo de participantes chamados de "sementes", selecionados intencionalmente por seu acesso e conexão com a população-alvo⁸. Cada semente recebe um número limitado de cupons⁹ para recrutar novos participantes, que, por sua vez, recebem a mesma quantidade para continuar o processo de recrutamento em "ondas" sucessivas¹⁰, até atingir o tamanho de amostra desejado.

7. Em alguns casos, esse mecanismo também se aplica a estudos que utilizam amostragem em bola de neve.

8. As sementes são membros da população-alvo que devem reunir principalmente três características: ser pessoas altamente motivadas, apresentar diversidade entre si e contar com uma ampla rede de contatos (Raifman et al., 2022).

9. Instrumento que cada participante recebe para convidar um número limitado de pares a participar do estudo. A quantidade de cupons de incentivo entregues a cada participante não é fixa, mas, na prática, a maioria dos estudos utiliza aproximadamente dois cupons, a fim de equilibrar a velocidade de recrutamento e evitar a sobre-representação de determinados subgrupos.

10. As ondas são as rodadas sucessivas nas quais os participantes trazem novos participantes.

Esse mecanismo permite:

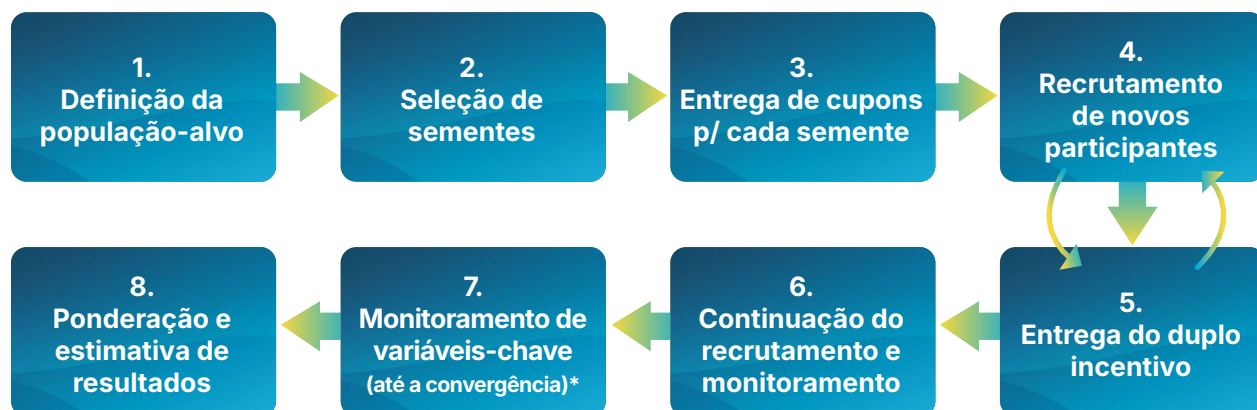
- Alcançar gradualmente um equilíbrio estatístico, observado quando as proporções de variáveis-chave (por ex., sexo, idade, localização) deixam de variar de forma significativa entre ondas sucessivas.
- Aumentar a diversidade da amostra, refletida na incorporação progressiva de subgrupos de interesse dentro da população-alvo, como diferentes faixas etárias, orientações sexuais ou níveis socioeconômicos.

Paralelamente, são coletadas informações sobre o tamanho da rede pessoal¹¹ de cada participante. Esses dados permitem ponderar a amostra e

corrigir os vieses decorrentes da seleção não aleatória. Dito de outra forma; como as pessoas com redes sociais mais amplas têm maior probabilidade de serem recrutadas, são aplicadas ponderações inversas ao tamanho da rede: quem tem redes amplas recebe menor peso, enquanto quem possui redes menores recebe maior peso.

O processo continua até atingir o tamanho da amostra previsto ou até alcançar um equilíbrio estatístico na composição da amostra, ou seja, quando as principais características demográficas se estabilizam entre ondas sucessivas (Heckathorn, 1997, 2004).

Figura 3. Processo de amostragem dirigida por respondentes (RDS)



*Refere-se ao momento em que os resultados da amostra deixam de variar substancialmente com a incorporação de mais participantes, ou seja, as principais características (idade, gênero ou nível de escolaridade) permanecem estáveis.

Fonte: Elaboração própria, com base em Heckathorn, 1997, 2002.

11. Cada participante é solicitado a indicar quantas pessoas dentro da população-alvo conhece, de acordo com os critérios definidos pela equipe de pesquisa.

Vantagens do método

- Permite realizar estimativas representativas da população por fatores de expansão derivados do tamanho das redes pessoais dos participantes.
- Reduz certos vieses de seleção associados ao recrutamento em cadeia, incluindo a sobrerrepresentação ou sub-representação de determinados grupos.
- O processo de recrutamento se torna eficiente e dinâmico, pois os incentivos duplos estimulam a participação e contribuem para ampliar o tamanho e a diversidade da amostra.
- Envolve elevada complexidade analítica: o cálculo de ponderações, estimativas populacionais e o efeito do desenho amostral¹² requer capacidades técnicas especializadas e software adequado.

A amostragem dirigida por respondentes (RDS) combina a lógica do recrutamento por referências com métodos estatísticos orientados a se aproximar das propriedades de uma amostragem probabilística. Seu potencial para gerar estimativas mais representativas a posiciona como uma alternativa robusta em relação a outros métodos não probabilísticos, desde que se garanta uma seleção adequada de sementes e que a equipe conte com o suporte técnico necessário para o processamento dos dados. Porém, sua dependência de redes sociais ativas e a alta complexidade analítica implicam que a implementação bem-sucedida dependa tanto do rigor metodológico quanto da capacidade operacional da equipe de pesquisa.

Limitações metodológicas

- Depende do funcionamento das redes sociais da população-alvo, por isso requer participantes com redes amplas, ativas e heterogêneas.
- A seleção inadequada de sementes pode afetar a composição inicial da amostra e atrasar ou impedir o alcance do equilíbrio estatístico.

¹². O efeito do desenho (Design Effect, DEFF) mede em que medida a variância de um estimador aumenta devido ao uso de um plano de amostragem complexo, em comparação com uma amostragem aleatória simples (MAS) de igual tamanho. Em métodos como o RDS, fatores como a dependência entre observações, a homofilia nas redes e o uso de ponderações aumentam o DEFF, o que reduz a precisão das estimativas. Essa característica constitui uma limitação metodológica, pois requer amostras maiores e procedimentos estatísticos especializados para calcular erros-padrão e intervalos de confiança válidos.

EXPERIÊNCIA 05 - Caracterização de migrantes venezuelanos em situação irregular usando amostragem por referências

O Banco Mundial, em colaboração com o escritório na Colômbia da ONG Innovations for Poverty Action (IPA), desenvolveu um projeto voltado para a população migrante venezuelana no Equador e no Peru, com o objetivo de caracterizar suas vulnerabilidades e condições de vida. Para isso, utilizou-se o método RDS, buscando chegar a uma amostra representativa de migrantes em situação irregular, um grupo com altos níveis de desconfiança em relação às instituições, no contexto da pandemia de COVID-19.

O estudo foi organizado a partir de três componentes.

- 1. Entrevistas exploratórias:** Foram realizadas 42 entrevistas semiestruturadas para identificar problemas de confiança, como o medo da deportação.
- 2. Consulta com organizações locais:** Foram realizadas reuniões com atores comunitários ligados à migração.
- 3. Levantamento da amostra RDS:** Começou com um grupo reduzido de “sementes”; a cada uma foi solicitado um número determinado de referências. Esse processo se repetiu em etapas sucessivas até atingir um total de 3.455 domicílios de migrantes.

O quadro amostral integrou dados das organizações de migrantes com as referências dos participantes, o que permitiu uma atualização dinâmica da amostra. Foi destacada a utilidade dos incentivos duplos (por participação e por referências) como estratégia para fomentar a colaboração em populações de difícil acesso.

Desafios identificados:

- **Desconfiança em relação ao processo:** Decorrente de experiências anteriores com golpes e mensagens enganosas enviadas via WhatsApp, Facebook ou ligações telefônicas.
- **Adequação do instrumento:** Adaptação da linguagem e dos termos locais (por exemplo, “município” em vez de “cidade”; “homologação” em vez de “validação”), e ajustes no tratamento (de “senhor(a)” para “você”) para garantir naturalidade e compreensão.
- **Cuidados com a equipe de campo:** A IPA capacitou a equipe de pesquisa para prevenir o trauma vicário — o impacto emocional decorrente de ouvir relatos difíceis —, mediante sessões psicológicas e fortalecimento de ferramentas de contenção e empatia.

Fonte: Roza, S. (2021).



Cliente oculto

(Mystery Shopping)

Descrição

O cliente oculto (*mystery shopping*) consiste na avaliação discreta de uma organização através de shoppers, ou seja, membros do público-alvo previamente treinados para se passarem por clientes reais. Seu objetivo é obter informações diretas, objetivas e padronizadas sobre a qualidade do serviço, o cumprimento de protocolos, a interação entre os prestadores de serviços e o público-alvo, além de outros elementos-chave da experiência do cliente.

Este método é conhecido por recriar condições reais de consumo, o que permite comparar a experiência observada com padrões de qualidade previamente definidos pela equipe de pesquisa. Ao contrário de outras ferramentas de avaliação, o cliente oculto fornece dados em tempo real a partir da perspectiva do usuário, constituindo-se em um instrumento valioso para a gestão da qualidade, a capacitação de pessoal e a melhoria contínua dos serviços (Allison, Severt & Dickson, 2010).

No estudo de populações ocultas, essa técnica tem sido utilizada para documentar a forma como instituições públicas e privadas interagem com esses grupos. Entre os exemplos estão a avaliação da qualidade dos serviços de testagem de HIV/IST em 43 clínicas do sudeste de Michigan (Bauermeister et al., 2015) e um estudo no México que aplicou o método do cliente oculto em 761 estabelecimentos, entre farmácias e clínicas, para avaliar a qualidade dos serviços de saúde sexual e reprodutiva voltados para adolescentes (De Castro et al., 2018).

Seleção de shoppers

O processo de seleção e organização de *shoppers* ocorre em várias etapas, elaboradas para garantir a objetividade, padronização e relevância das observações:

- 1. Identificação de estabelecimentos:** Elaborar-se uma lista de locais de interesse (clínicas, farmácias, instituições ou estabelecimentos comerciais), verificando sua validade mediante registros oficiais, pesquisas online ou ligações telefônicas para confirmar os serviços oferecidos, seus custos e horários de atendimento.
- 2. Seleção e capacitação de shoppers:** São selecionados de acordo com características que se aproximam da população-alvo (idade, gênero ou outros atributos relevantes). A capacitação inclui roteiros padronizados, exercícios de dramatização e práticas de interação.
- 3. Atribuição de visitas:** Os *shoppers* são distribuídos pelos estabelecimentos seguindo um plano que capture a variabilidade no atendimento (diferentes dias e horários). Durante a visita, cada *shopper* executa um cenário predefinido e registra suas observações de maneira objetiva, seguindo os critérios metodológicos estabelecidos no estudo.
- 4. Registro e validação:** Após cada interação, os *shoppers* preenchem um registro padronizado que avalia dimensões como acessibilidade, privacidade, atendimento e outras observações qualitativas. Posteriormente, a equipe de pesquisa realiza reuniões de feedback para consolidar e validar as informações coletadas.

Vantagens do método

- Permite observar a prestação de serviços em condições reais de atendimento.
- Gera experiências padronizadas que facilitam a comparação entre diferentes serviços ou estabelecimentos.
- Produz informações tanto quantitativas quanto qualitativas sobre a qualidade do atendimento.

Limitações metodológicas

- Possui validade externa limitada, pois os resultados não são generalizáveis para toda a população usuária.
- Pode ser afetado por vieses associados ao desempenho dos *shoppers*, caso estes não sigam rigorosamente os roteiros e protocolos.

- Envolve considerações éticas relacionadas à simulação de identidade e à obtenção dissimulada de informações ou avaliação dos serviços.

O cliente oculto constitui uma ferramenta útil para avaliar, em condições reais, a qualidade dos serviços oferecidos a populações ocultas. Sua capacidade de gerar evidências práticas sobre lacunas na atenção o torna um recurso valioso para a melhoria de programas e políticas. Entretanto, suas limitações de representatividade e as implicações éticas associadas à simulação sugerem que ele deve ser empregado como complemento de outros métodos, mais que como estratégia principal de pesquisa.

EXPERIÊNCIA 06 - Avaliação da qualidade dos serviços de HIV/IST por meio do cliente oculto

Bauermeister et al. (2015) aplicaram o método do cliente oculto em 43 clínicas de HIV/IST no sudeste de Michigan, com o objetivo de avaliar a competência cultural e a qualidade do serviço voltado para jovens gays e bissexuais. Para isso, foram treinados cinco *shoppers* e foi utilizado um instrumento composto por 13 dimensões: acessibilidade, tempo de espera, confidencialidade, privacidade, limpeza, materiais disponíveis, conforto do espaço, atendimento da equipe, uso de linguagem inclusiva, respeito à identidade, qualidade do aconselhamento, clareza das informações e percepção de segurança.

Etapas aplicadas:

- 1. Elaboração e capacitação:** Seleção e capacitação de shoppers com características semelhantes às da população-alvo, incluindo a simulação da experiência de testagem para HIV/IST.
- 2. Aplicação em campo:** Cada clínica foi visitada por dois clientes ocultos, que solicitaram serviços de testagem de rotina sem revelar seu papel de avaliadores.
- 3. Registro de experiências:** Os avaliadores preencheram um questionário estruturado que abrangia as 13 dimensões.
- 4. Análise comparativa:** As pontuações obtidas foram analisadas, comparando clínicas que ofereciam apenas testes de HIV (n=14) com aquelas que prestavam serviços integrais de HIV/IST (n=29).
- 5. Resultados e interpretação:** As pontuações gerais foram positivas, mas foram identificadas lacunas no aconselhamento e na educação sexual.

A experiência sugere que o cliente oculto permite identificar oportunidades de melhoria em aspectos sensíveis da atenção, como tratamento, confidencialidade e aconselhamento, embora seu alcance possa ser condicionado pela subjetividade inerente à avaliação da experiência.

Fonte: Bauermeister et al. (2015).



Estudos de vinheta

Descrição

Os estudos de vinheta são um método qualitativo que consiste em apresentar aos participantes cenários hipotéticos ou representações visuais, auditivas e audiovisuais, concebidas para gerar estímulos de respostas diante de determinadas situações. Seu objetivo é explorar percepções, julgamentos, atitudes ou possíveis comportamentos diante de contextos específicos (McInroy & Beer, 2022).

O procedimento começa com a delimitação da população-alvo e a elaboração de cenários hipotéticos que representam situações relevantes para o fenômeno estudado. Essas vinhetas podem ser apresentadas em diferentes formatos, como textos, imagens, vídeos ou outros recursos digitais. Antes de sua aplicação, é recomendável submetê-las a um processo de validação, por ex., mediante revisão por especialistas ou testes-piloto, com o objetivo de garantir clareza, pertinência cultural e interpretação adequada por parte dos participantes (McInroy & Beer, 2022).

Durante a aplicação, os participantes respondem a perguntas estruturadas ou participam de discussões orientadas em torno dos cenários apresentados. As informações coletadas podem ser analisadas por abordagens qualitativas — explorando significados, percepções ou narrativas — ou quantitativas, por comparação de julgamentos, atitudes ou decisões entre diferentes grupos de participantes.

Vantagens do método

- Permite explorar atitudes e reações diante de temas delicados sem expor diretamente os participantes, ao se basear em situações hipotéticas.
- Garante que todos os participantes respondam a estímulos equivalentes, o que facilita a comparabilidade das respostas.
- Apresenta alta versatilidade metodológica, pois pode ser aplicado em múltiplos formatos (texto, imagem, vídeo ou plataformas online), o que amplia seu alcance a diferentes populações e contextos.

Limitações metodológicas

- As respostas obtidas podem não corresponder necessariamente aos comportamentos reais dos participantes em situações cotidianas.
- Variações mínimas na redação, no tom ou no formato das vinhetas podem produzir vieses nas respostas.
- Os resultados costumam ser fortemente condicionados pelo contexto e pelas características da população analisada, o que limita sua extrapolação para populações mais amplas.

EXPERIÊNCIA 07 - Considerações éticas sobre o uso do engano (*deception*) em pesquisa

Os métodos que empregam agentes simulados, como o cliente oculto ou os estudos de vinheta, podem exigir o uso do engano como estratégia metodológica para obter informações sobre percepções ou comportamentos em contextos em que revelar o objetivo real do estudo poderia alterar as respostas dos participantes. O engano pode assumir formas explícitas — por fornecimento de informações falsas ou manipuladas — ou implícitas, por oclusão ou omissão de informações relevantes.

A regulamentação do uso do engano varia entre as disciplinas. Na sociologia e na psicologia, existem códigos éticos rigorosos que estabelecem critérios para sua utilização, como os desenvolvidos pela Associação Americana de Psicologia, pela Associação Americana de Sociologia e pelas diretrizes da ESOMAR para clientes ocultos. Na economia, a Associação Americana de Economia (2018) também estabelece diretrizes sobre seu uso. Na economia experimental, da mesma maneira, consolidou-se uma norma social rigorosa que desencoraja o engano, principalmente por suas implicações para a validade dos dados e a confiança dos participantes.

Antes de implementar métodos que envolvam engano, é recomendável avaliar cuidadosamente os seguintes aspectos:

- **Importância:** O uso do engano deve ser justificado pelo valor científico, educacional ou de aplicação do estudo.
- **Não causar danos:** A estratégia não deve causar danos físicos, sociais ou psicológicos aos participantes, incluindo estresse emocional significativo.
- **Alternativas:** É preciso demonstrar que os objetivos do estudo não podem ser alcançados por outros métodos. Por exemplo, quando é necessário controlar a variação do estímulo ou evitar que participantes modifiquem seu comportamento para projetar uma imagem socialmente desejável.
- **Custos e recursos:** Avaliar os custos de implementação em relação a alternativas metodológicas que, devido à sua complexidade ou a requisitos logísticos, se revelam inviáveis.

Boas práticas

- **Reunião de avaliação (*Debriefing*):** Sempre que possível, informar posteriormente para os participantes os objetivos reais do estudo e oferecer a possibilidade de retirar seus dados.
- **Voluntariedade e anonimato:** Princípios transversais que devem ser respeitados.
- **Revisão ética:** O uso do engano deve ser avaliado e aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (IRB).
- **Registro sistemático:** Devido à possível presença de julgamentos subjetivos, se recomenda definir categorias claras e observáveis — estruturais ou comportamentais — para garantir a coerência e a transparência na coleta de informações.

Fonte: Espinosa & Brañas—Garza, 2024 e Morena de Diago, 2013.

Análise comparativa de métodos

Após a revisão de diversos métodos voltados para o estudo de populações ocultas, apresenta-se a seguir uma comparação de suas principais características e alcances. Para isso, foram definidos cinco critérios de análise que permitem avaliar de forma sistemática as vantagens e as limitações de cada método:

- **Rigor metodológico:** Grau de respaldo teórico, matemático e estatístico do método, bem como a coerência e pertinência de seus pressupostos em relação aos objetivos específicos de cada técnica.
- **Alcance ou cobertura:** Capacidade do método de abordar populações tanto concentradas quanto dispersas.
- **Profundidade analítica:** Nível de detalhamento e qualidade das informações que podem ser obtidas sobre as características do grupo de estudo.
- **Flexibilidade e aplicabilidade:** Grau de adaptação do método a diferentes contextos sociais, tipos de população e recursos disponíveis.
- **Representatividade:** Capacidade do método de gerar estimativas que reflitam a população-alvo e permitam a generalização dos resultados, quando isso for consistente com os objetivos e o tipo de técnica empregada.

Para a comparação, foi aplicada uma escala de avaliação padronizada de 1 a 5 pontos, definida da seguinte forma:

- **1 (Muito baixo):** O método cumpre de forma muito limitada o critério e enfrenta desafios importantes na sua aplicação.
- **2 (Baixo):** O método cumpre parcialmente o critério, com restrições importantes que afetam seu desempenho.
- **3 (Médio):** O método atende de forma aceitável ao critério, mas requer certos ajustes ou melhorias para fortalecer sua consistência e eficácia.
- **4 (Alto):** O método cumpre adequadamente o critério, apresentando um desempenho sólido na maioria dos contextos de aplicação.
- **5 (Muito alto):** O método atende plenamente ao critério, atingindo altos padrões de robustez e confiabilidade.

Em alguns casos, foram atribuídos valores decimais (por exemplo, 2,5 ou 3,5) com o objetivo de refletir avaliações intermediárias entre dois níveis da escala. Vale ressaltar que a atribuição de pontuações constitui uma proposta derivada de um exercício de reflexão crítica de caráter interpretativo, fundamentada na revisão da literatura especializada e na análise comparativa das vantagens e limitações relatadas em estudos anteriores.

Tabela 3. Avaliação dos métodos para pesquisar populações ocultas

Método	Rigor metodológico	Alcance/ Cobertura	Profundidade analítica	Flexibilidade/ Aplicabilidade	Validade e confiabilidade
Amostragem em bola de neve (Snowball Sampling)	3,5	3,0	2,5	3,5	3,0
Amostragem dirigida (Targeted Sampling)	2,5	2,5	2,5	3,5	3,0
Captura e recaptura (Capture-Recapture)	2,5	2,0	2,0	2,5	3,0
Amostragem por tempo e local (Time-Location Sampling, TLS)	4,0	3,5	3,0	3,0	4,0
Amostragem dirigida por respondentes (Respondent-Driven Sampling, RDS)	4,0	4,0	3,0	3,0	4,0
Cliente oculto (Mystery Shopping)	2,0	1,5	4,0	4,0	3,0
Estudos de vinheta	2,0	1,0	3,5	4,0	2,5

Fonte: Elaboração própria.

Principais conclusões da análise comparativa

- **Rigor metodológico:** Os métodos mais consolidados são o RDS e o TLS, pois contam com maior respaldo teórico, matemático e estatístico, o que se traduz em projetos mais estruturados e em pressupostos mais bem definidos para a geração de estimativas. Por outro lado, embora a amostragem em bola de neve, a amostragem dirigida e o método de captura-recaptura sejam úteis em etapas exploratórias, apresentam um menor nível de formalização teórica e estatística, o que limita a solidez de seus procedimentos e pressupostos em comparação com abordagens mais estruturadas.
 - **Alcance ou cobertura:** O RDS se destaca por seu potencial para acessar redes sociais amplas e relativamente dispersas. A amostragem direcionada, por outro lado, é mais adequada quando a população se concentra em espaços ou subgrupos específicos. Por sua vez, métodos como captura-recaptura, cliente oculto e estudos de vinheta tendem a apresentar coberturas mais restritas, o que limita sua utilidade em contextos caracterizados por alta heterogeneidade geográfica ou social.
 - **Profundidade analítica:** Os métodos qualitativos ou mistos, como o cliente oculto e os estudos de vinheta, permitem obter informações mais detalhadas sobre as experiências, percepções e práticas dos participantes, superando até mesmo métodos estatisticamente mais robustos em termos de riqueza descritiva. Em contrapartida, métodos como o RDS e o TLS, permitem gerar estimativas populacionais mais confiáveis, mas costumam produzir informações menos aprofundadas sobre os processos sociais ou as dinâmicas individuais.
 - **Flexibilidade e aplicabilidade:** A pertinência de cada método depende de diversos fatores, entre eles os objetivos do estudo, o contexto de implementação, o orçamento disponível, as características da população oculta (tamanho, mobilidade ou grau de ocultação), as considerações éticas e a disponibilidade de informações prévias. No entanto, a amostragem dirigida e o cliente oculto costumam demonstrar maior capacidade de adaptação a diferentes contextos e restrições operacionais, o que os torna ferramentas úteis em pesquisas de campo com limitações logísticas. Por outro lado, o método de captura-recaptura exige o cumprimento de pressupostos mais rigorosos — como a relativa estabilidade da população —, o que pode restringir sua aplicabilidade em certos contextos.
 - **Validade e confiabilidade dos dados:** Os métodos com maior respaldo empírico são o RDS e o TLS, por gerarem resultados mais consistentes, replicáveis e representativos.
- Em resumo, os métodos baseados em redes sociais, como a amostragem dirigida por respondentes (RDS), e aqueles baseados em espaços físicos de encontro, como a amostragem por tempo e local (TLS), apresentam vantagens significativas quando o objetivo é produzir estimativas populacionais mais robustas e potencialmente generalizáveis. Em contrapartida, as abordagens exploratórias ou de caráter qualitativo — como a amostragem em bola de neve, o cliente oculto e os estudos de vinheta — se revelam particularmente úteis devido à sua maior flexibilidade metodológica, aos seus menores requisitos de suposições estatísticas rígidas e à sua capacidade de aprofundar as dinâmicas sociais, as percepções e as experiências das populações ocultas.

Considerações éticas

A pesquisa de populações ocultas deve incorporar os princípios éticos fundamentais aplicáveis ao trabalho com pessoas, tais como a ação sem danos, a confidencialidade, a anonimização dos dados e o uso de uma linguagem adequada e respeitosa. Além disso, deve seguir os protocolos éticos internacionais estabelecidos pelas autoridades competentes e contar com a participação de comitês de ética em pesquisa independentes da equipe (Institutional Review Boards, IRB). O consentimento informado deve ser considerado tanto em sua dimensão formal, como documento, quanto em sua função substantiva de garantir que os participantes compreendam os objetivos, o alcance e as possíveis implicações de sua participação.

Aspectos que requerem atenção especial no trabalho com populações ocultas:

1. Fortalecimento das capacidades da equipe de campo. É fundamental garantir a realização de workshops de formação e sensibilização para a equipe de campo. Uma boa prática consiste em incorporar membros da população em estudo nas equipes e utilizar dinâmicas como as de encenação (*role playing*) para validar a compreensão e a aplicação dos conteúdos durante a capacitação e promover espaços de feedback e acompanhamento contínuo ao longo do processo de levantamento.

2. Reforço dos protocolos de confidencialidade. É importante garantir que as pesquisas, entrevistas e demais atividades sejam realizadas em espaços seguros e privados, a fim de minimizar os riscos de exposição dos participantes. Essa precaução é especialmente relevante quando o acesso à população é limitado por questões de segurança ou estigmatização. Entre as boas práticas estão incluídas técnicas inovadoras que reduzem a interação direta com o pesquisador, como o uso de perguntas em formato de áudio com fones de ouvido, o que permite que as pessoas respondam de forma autônoma e confidencial.

3. Validação de instrumentos e processos com membros da população em estudo. Envolver membros da população-alvo na concepção e validação dos instrumentos melhora tanto a qualidade dos dados quanto a legitimidade do processo de pesquisa. Essa abordagem permite identificar quais perguntas são relevantes para obter informações significativas, formulá-las de maneira sensível ao contexto e considerar aspectos práticos e culturais que facilitem sua aplicação.

Tabela 4. Quadro resumido de métodos para pesquisar populações ocultas

Nome do método	Tipo de amostragem	Descrição	Seleção da amostra	Vantagens	Limitações
Amostragem em bola de neve (<i>Snowball Sampling</i>)	Não probabilístico	Recrutamento em cadeia, em que os primeiros participantes indicam outras pessoas que pertencem à população-alvo.	Seleção intencional de um grupo inicial; cada participante indica novas pessoas até atingir o tamanho da amostra previsto.	Amplo alcance; eficiente em termos de custo e tempo; altas taxas de resposta devido à confiança entre as pessoas indicadas.	Pouco controle sobre a composição; viés de homofilia, ou seja, a tendência das pessoas de se conectarem com outras que compartilham características semelhantes; problemas de representatividade.
Amostragem dirigida (<i>Targeted Sampling</i>)	Não probabilístico	Seleção estratégica de áreas e subgrupos definidos a partir de um diagnóstico prévio.	Identificação de subgrupos relevantes; atribuição de cotas de participação de acordo com seu peso na população.	Promove a identificação e a cobertura de subgrupos ocultos; permite concentrar recursos em áreas estratégicas; permite ajustes durante o processo.	Depende da qualidade da avaliação inicial; apresenta custos operacionais mais elevados; risco de vieses se não forem abrangidas todas as áreas onde se encontra a população-alvo.
Captura e recaptura (<i>Capture-Recapture</i>)	Não probabilístico	Estima o tamanho da população comparando pessoas identificadas repetidamente em duas ou mais rodadas de registro.	Captura inicial de pessoas em uma primeira fase; recaptura em uma segunda fase; comparação entre as fases.	Permite estimar o tamanho da população; é simples e econômico; útil em populações concentradas.	Requer estabilidade populacional; pouco eficaz em populações dispersas; risco de vieses se não for alcançada uma recaptura adequada.
Amostragem por tempo e local (<i>Time-Location Sampling, TLS</i>)	Probabilístico	Seleção aleatória de combinações de locais, dias e horários em que a população se reúne.	Identificação de <i>venues</i> (combinações específicas de local, dia e horário); seleção aleatória de <i>venues</i> ; recrutamento sistemático em cada local.	Proporciona rigor estatístico; reduz vieses de ocultação ao abranger diferentes combinações de local e horário; facilita análises avançadas através de modelos estatísticos.	Exclui quem não frequenta os <i>venues</i> ; mais caro e complexo; representatividade limitada ao quadro definido.

Amostragem dirigida por respondentes (Respondent-Driven Sampling, RDS)	Amplia a amostragem por bola de neve, que incorpora incentivos e ponderações estatísticas	Versão aprimorada da amostragem em bola de neve, que incorpora incentivos e ponderações estatísticas.	Identificação de sementes com acesso à população-alvo; recrutamento em ondas através de cupons; aplicação de ponderações que corrigem vieses.	Pode gerar estimativas representativas; pode corrigir vieses de seleção; facilita um recrutamento eficiente.	Depende de redes sociais ativas e sólidas; risco de seleção inadequada de sementes; análise complexa que requer manejo técnico avançado.
Cliente oculto (Mystery Shopping)	Misto (qualitativo e quantitativo)	Avaliação secreta realizada por pessoas treinadas (<i>shoppers</i>) que simulam ser usuárias ou clientes reais para observar a qualidade do serviço, os protocolos e a interação.	Identificação de estabelecimentos; seleção e capacitação de <i>shoppers</i> com características semelhantes à população em estudo; agendamento de visitas em diferentes dias e horários; registro sistemático das observações.	Permite observar serviços em condições reais; gera experiências padronizadas que facilitam a comparação; coleta informações qualitativas e quantitativas.	Resultados não generalizáveis; risco de vieses se os <i>shoppers</i> não seguirem os roteiros estabelecidos; sujeito a considerações éticas devido à simulação de identidade e à avaliação disfarçada.
Estudos de vinheta	Misto (qualitativo e quantitativo)	São apresentados para os participantes cenários hipotéticos (textos, imagens, vídeos, etc.) para explorar percepções, atitudes ou julgamentos diante de situações delicadas ou específicas.	Concepção e validação prévia das vinhetas; convocação e aplicação aos participantes, que respondem ou discutem os cenários propostos.	Permitem explorar temas delicados sem expor diretamente o objetivo do estudo; garantem a comparabilidade, pois todos respondem aos mesmos estímulos; alta versatilidade (texto, imagem, vídeo, formato online).	As respostas podem não refletir comportamentos reais; pequenas alterações nas vinhetas podem gerar vieses; os resultados são influenciados pelo contexto e são de difícil extrapolação.

3

Aprendizagens da prática: O que considerar ao pesquisar populações ocultas?

O objetivo desta seção é oferecer orientações práticas para pesquisar populações de difícil acesso, com base em descobertas e lições aprendidas a partir de entrevistas qualitativas realizadas com pesquisadores que utilizaram os métodos descritos na seção anterior. No âmbito deste estudo, foram entrevistadas 16 pessoas com experiência em formulação metodológica, tomada de decisões, implementação e trabalho de campo, provenientes da academia, organizações da sociedade civil, empresas de consultoria, organizações comunitárias e organismos multilaterais, assim como pessoas pertencentes a populações ocultas, incluindo pessoas LGBTQ+ e em mobilidade humana¹³.

Os relatos foram anônimos e se centraram em decisões metodológicas, desafios e aprendizados do trabalho de campo. As entrevistas semiestruturadas foram realizadas virtualmente, seguindo protocolos de confidencialidade, anonimato e consentimento informado, incluindo a Política de Privacidade de Dados Pessoais e o Formulário de Solicitação do Interessado, de acordo com os requisitos do BID.

A partir dessas informações, são apresentadas recomendações práticas para fortalecer a ética na pesquisa e o rigor metodológico com populações ocultas.

13. A mobilidade humana abrange o conjunto de deslocamentos de pessoas dentro de um mesmo país ou através de fronteiras internacionais, independentemente de seu caráter voluntário ou forçado, temporário ou permanente. Esse conceito abrange diversas formas de movimento, como a migração laboral, o deslocamento interno, o refúgio e outras situações de mobilidade em contextos de vulnerabilidade (Organización Internacional para las Migraciones. (2020). Glosario sobre migración (IML No. 34). OIM.).

1. Acesso às populações ocultas

Das entrevistas, se conclui que, para se aproximar de populações ocultas, é útil fazer a distinção entre **populações difíceis de alcançar** e **populações difíceis de medir**.

"Eu faria uma distinção entre populações difíceis de alcançar e difíceis de avaliar, porque, em algumas dessas populações, pode ser complicado encontrá-las, enquanto em outras, na verdade, nós as entrevistamos o tempo todo, mas se trata de temas delicados e as pessoas não querem revelar a sua identidade ou um comportamento".

Depoimento anônimo. Série de entrevistas realizadas para a presente publicação.

As populações difíceis de alcançar apresentam obstáculos como dispersão territorial, baixo contato institucional ou pertencimento a redes fechadas, enquanto as populações difíceis de medir enfrentam barreiras devido à sensibilidade das informações que se busca registrar ou à resistência em revelá-las. Essa distinção permite orientar a formulação metodológica e definir estratégias diferenciadas de acordo com os fatores específicos que explicam a ocultação.

2. Elaboração da pesquisa

Das entrevistas, é possível concluir que a elaboração das pesquisas com populações ocultas requer um planejamento gradual, flexível e contextualizado, que combine rigor metodológico com sensibilidade em relação aos grupos historicamente estigmatizados ou de difícil acesso. As experiências compartilhadas pelas pessoas entrevistadas destacam três abordagens complementares que permitem adaptar os métodos a contextos caracterizados por desconfiança, baixa visibilidade e ausência de quadros amostrais.

DIAGNÓSTICO INICIAL DA POPULAÇÃO

Antes de definir os métodos, é fundamental identificar o que se sabe e o que não se sabe sobre a população-alvo. Isso inclui analisar dados administrativos, censitários e documentais existentes. Além disso, examinar a conectividade, a dispersão geográfica, a sensibilidade temática e os níveis de desconfiança em relação às instituições. Esse diagnóstico permite antecipar riscos do trabalho de campo, detectar lacunas de informação e conceber métodos mistos que combinem técnicas qualitativas e quantitativas adaptadas às condições específicas de cada grupo.

“[...] sempre partimos de um diagnóstico inicial. O que se sabe e o que não se sabe sobre a população? Quais são seus canais de organização? Quais são os riscos de abordar a população? A partir daí, elaboramos métodos mistos, mas com o tempo aprendemos que esses métodos precisam ser adaptados”.

Depoimento anônimo. Série de entrevistas realizadas para a presente publicação.

ABORDAGEM FORMATIVA SOBRE A POPULAÇÃO OCULTA

As entrevistas indicam que, depois de ter realizado o diagnóstico inicial da população a ser estudada, convém iniciar a etapa de preparação da equipe de pesquisa e verificar os pressupostos metodológicos. Isso inclui avançar em duas direções principais:

- Pesquisa formativa preliminar: Recomenda-se analisar a estrutura das redes sociais do grupo, identificando laços fortes e fracos, subgrupos e possíveis gargalos que possam afetar a representatividade em métodos de amostragem como o RDS. Isso permite ajustar os métodos antes da implementação.
- Capacitação da equipe: É preciso garantir que todos compartilhem uma linguagem comum, compreendam os protocolos de pesquisa e respeitem identidades diversas, fortalecendo a qualidade e a validade dos dados.

“Revisamos todos esses processos para que, mesmo dentro da mesma equipe de pesquisa, certos parâmetros fiquem claros. Isso se reflete posteriormente na pesquisa, mas é importante que o primeiro passo seja essa capacitação, para falarmos a mesma língua”.

Depoimento anônimo. Série de entrevistas realizadas para a presente publicação.

IDENTIFICAÇÃO DE ATORES-CHAVE

As entrevistas mostram que localizar líderes comunitários e aliados institucionais é fundamental para estabelecer redes de confiança e facilitar o acesso ao campo. Esse processo costuma ser progressivo e permite avançar em fases: entrevistas iniciais com atores-chave, seguidas de grupos focais ou entrevistas em grupo. As alianças institucionais oferecem apoio operacional e financeiro, orientam a pesquisa para necessidades concretas e reforçam a relevância dos resultados.

“Quando a população é tão oculta, temos que agir por fases, e quase sempre isso significa identificar alguém-chave dentro da população, realizar uma entrevista aprofundada e, a partir daí, avançar para grupos focais ou entrevistas em grupo”.

Depoimento anônimo. Série de entrevistas realizadas para a presente publicação.

Em conjunto, essas três abordagens mostram que as decisões do trabalho de campo começam já na fase de concepção da pesquisa e que o planejamento técnico deve estar articulado com a compreensão contextual. De acordo com as experiências coletadas nas entrevistas, isso permite desenvolver pesquisas viáveis, éticas e sensíveis às características das populações envolvidas, aumentando a qualidade, a pertinência e a confiabilidade dos dados coletados.

3. Equipe de campo

As entrevistas realizadas destacam que o acesso a populações ocultas depende em grande medida da composição, preparação e sensibilidade da equipe responsável pela coleta de dados. Além dos instrumentos ou da logística, a qualidade da interação com participantes é fundamental para gerar confiança e obter informações confiáveis. A partir das experiências compartilhadas, identificam-se as seguintes recomendações:

INCORPORAR PESSOAS DA POPULAÇÃO-ALVO À EQUIPE DE PESQUISA

A participação de integrantes da própria população — seja como entrevistadores, facilitadores ou consultores metodológicos — facilita o acesso ao campo, melhora a compreensão dos códigos culturais e fortalece a confiança durante a coleta de dados. Essa inclusão não apenas responde a critérios de equidade, mas também constitui uma estratégia metodológica que melhora a qualidade da informação.

“Uma pessoa cisgênero não pode ir entrevistar uma pessoa trans sobre sua experiência de vida, porque simplesmente pode colocar a perder muitas coisas [...] Esse primeiro quadro de confiança é extremamente importante”.

Depoimento anônimo. Série de entrevistas realizadas para a presente publicação.

TRABALHAR COM ORGANIZAÇÕES COMUNITÁRIAS E ATORES LOCAIS

As parcerias com organizações da sociedade civil e líderes comunitários permitem identificar contatos, revisar instrumentos e adaptar as estratégias de campo. Essas organizações também desempenham um papel fundamental como mediadoras entre a equipe de pesquisa e a comunidade.

“Sempre trabalhamos com ONGs porque elas são essenciais para nos conectar com os contatos, mas também para nos orientar sobre como elaborar as pesquisas... não dá para fazer isso sem a participação das populações das que você quer gerar amostras. Portanto, realmente devem ser envolvidas em todos os níveis do processo”.

Depoimento anônimo. Série de entrevistas realizadas para a presente publicação.

PRIORIZAR A CAPACITAÇÃO E A SENSIBILIZAÇÃO DA EQUIPE DE CAMPO

Os entrevistadores e supervisores devem receber capacitação tanto no manejo do instrumento quanto nas particularidades sociais e culturais da população estudada. A capacitação permite unificar critérios, fortalecer o uso de uma linguagem respeitosa e melhorar a interação com participantes.

“O perfil da equipe de campo, quando trabalhamos com populações ocultas, tem que estar sensibilizado ou relacionado, direta ou indiretamente, com essas populações. É muito difícil que uma pessoa que não tenha nenhum vínculo com esse contexto consiga implementar ou transmitir adequadamente o que a ferramenta está perguntando”.

Depoimento anônimo. Série de entrevistas realizadas para a presente publicação.

CONSIDERAR A SEGURANÇA DA EQUIPE E O ACESSO AO TERRITÓRIO

Em alguns contextos, o acesso a determinados grupos ou territórios requer mediadores locais ou autorizações informais. A coordenação com atores comunitários contribui para garantir condições seguras para o desenvolvimento do trabalho de campo.

“O mesmo ocorre com as gangues [...] a única razão pela qual conseguimos entrar foi porque tínhamos permissão para entrar e sair. Normalmente, é necessário um interlocutor que facilite esse processo”.

Depoimento anônimo. Série de entrevistas realizadas para a presente publicação.

INCORPORAR ESPAÇOS DE APOIO E CONTENÇÃO PARA A EQUIPE DE PESQUISA

Entrevistas sobre experiências de violência, discriminação ou outras situações delicadas podem causar um impacto emocional em quem realiza o trabalho de campo. Por isso, algumas pesquisas incluem momentos de supervisão ou acompanhamento para ajudar a processar essas experiências.

“Tínhamos um espaço de supervisão depois de cada reunião [...] para conversar sobre como nos sentíamos em relação às perguntas, como foi a fase piloto e o que isso nos provocava”.

Depoimento anônimo. Série de entrevistas realizadas para a presente publicação.

RECONHECER E REMUNERAR ADEQUADAMENTE O TRABALHO DA EQUIPE E DOS PARTICIPANTES

A capacitação e a remuneração da equipe de campo, especialmente quando inclui membros da população estudada, contribuem para fortalecer sua participação e comprometimento com o processo de pesquisa. Da mesma forma, alguns estudos utilizam incentivos para participantes — como cartões ou compensações financeiras — que podem facilitar a participação quando implementados de forma transparente e ética.

“Não só lhes foi dado trabalho, como também foram capacitados e receberam remuneração. Isso foi muito valioso, porque se sentiram parte do processo”.

Depoimento anônimo. Série de entrevistas realizadas para a presente publicação.

Em conjunto, as entrevistas mostram que a formação da equipe de campo constitui uma decisão metodológica central que deve ser definida desde a fase de concepção da pesquisa. Uma equipe capacitada, diversificada e próxima da população estudada pode melhorar significativamente o acesso ao campo, a confiança dos participantes e a qualidade das informações coletadas.

4. Seleção de métodos

As entrevistas realizadas mostram que a seleção de métodos para estudar populações ocultas costuma combinar critérios técnicos, contextuais e éticos. Na ausência de quadros amostrais formais, as equipes de pesquisa adotam estratégias flexíveis que permitem acessar as redes sociais da população-alvo, construir confiança e garantir condições operacionais viáveis para o trabalho de campo. A partir dessas experiências, são identificadas as seguintes sugestões.

COMBINAR ABORDAGENS METODOLÓGICAS PARA FACILITAR O ACESSO AO CAMPO

Os estudos costumam combinar técnicas de conveniência com abordagens de rede — como amostragem em bola de neve, amostragem dirigida por respondentes (RDS) ou amostragem por tempo e local (TLS) — que permitem acessar progressivamente a população através de intermediários ou contatos de confiança.

“Na parte de identificação e recrutamento, utilizamos técnicas como a bola de neve, em que uma pessoa nos indica outra, pois não existe um quadro amostral formal. Em alguns casos, trabalhamos com informantes-chave coletivos que já contam com a confiança da população, o que acaba nos abrindo portas que, a princípio, pareciam impossíveis”.

Depoimento anônimo. Série de entrevistas realizadas para a presente publicação.

COMPLEMENTAR MÉTODOS QUANTITATIVOS COM ABORDAGENS QUALITATIVAS

As entrevistas destacam a utilidade de integrar métodos qualitativos — como entrevistas semiestruturadas ou grupos focais — que permitam compreender as dinâmicas internas, os significados e as formas de organização das comunidades estudadas. Essas abordagens facilitam uma aproximação progressiva ao campo e enriquecem a interpretação dos dados quantitativos.

“Normalmente, gostamos de trabalhar com grupos focais para observar a interação entre as pessoas e com entrevistas semiestruturadas para os informantes-chave”.

Depoimento anônimo. Série de entrevistas realizadas para a presente publicação.

“Os estudos podem incluir entrevistas qualitativas e pesquisas. Por exemplo, no caso do estudo, foi elaborado um questionário que depois foi complementado com um estudo qualitativo”.

Depoimento anônimo. Série de entrevistas realizadas para a presente publicação.

ADAPTAR AS ESTRATÉGIAS DE AMOSTRAGEM AO CONTEXTO INSTITUCIONAL

As estratégias de coleta de dados também dependem do tipo de instituição que implementa o estudo. Enquanto algumas equipes de pesquisa utilizam métodos focados baseados em redes, os institutos nacionais de estatística tendem a privilegiar estratégias de ampla cobertura, como pesquisas abertas divulgadas por campanhas públicas ou parcerias com organizações da sociedade civil.

“Na maioria dos casos, não há amostragem em bola de neve, mas só simplesmente uma pesquisa aberta à população com divulgação massiva em todos os meios de comunicação e também através de organizações da sociedade civil”.

Depoimento anônimo. Série de entrevistas realizadas para a presente publicação.

CONSIDERAR AS CONDIÇÕES LOGÍSTICAS E TECNOLÓGICAS DO TERRITÓRIO

As decisões metodológicas também são condicionadas por fatores logísticos e tecnológicos, como conectividade digital, acesso geográfico ou recursos disponíveis para o trabalho de campo. Essas limitações podem afetar diretamente a forma de identificar a população-alvo e o custo da coleta de informações.

“[...] Lembro-me de que queríamos encontrar mães de crianças pequenas, então enviamos as pesquisadoras e elaboramos uma lista para identificar quais famílias atendiam a esse critério, e depois voltávamos para fazer uma pesquisa mais longa. É um processo muito caro, mas permite obter uma amostra representativa”.

Depoimento anônimo. Série de entrevistas realizadas para a presente publicação.

EQUILIBRANDO REPRESENTATIVIDADE ESTATÍSTICA E VIABILIDADE OPERACIONAL

Na prática, a seleção de métodos reflete uma tensão persistente entre o ideal de projetos estatisticamente robustos — como a amostragem aleatória — e as restrições reais do trabalho de campo com populações ocultas. Nesse contexto, as decisões metodológicas costumam combinar critérios de rigor estatístico com considerações pragmáticas, como a confiança da comunidade, a sensibilidade do tema estudado e a adequação cultural dos instrumentos.

Em conjunto, as entrevistas mostram que **não existe um único método aplicável a todas as populações ocultas**. As estratégias mais eficazes tendem a combinar diferentes abordagens metodológicas e a se adaptar às condições sociais, institucionais e territoriais em que a pesquisa é realizada.

5. Ética na pesquisa

As entrevistas realizadas destacam que a ética constitui um eixo transversal na pesquisa com populações ocultas. Além do cumprimento de protocolos formais, as práticas éticas implicam garantir a segurança, a confidencialidade e o bem-estar de participantes durante todo o processo de pesquisa. A partir das experiências coletadas, são identificadas as seguintes sugestões.

INCORPORAR A ÉTICA DESDE O PROJETO DO ESTUDO

A dimensão ética deve ser considerada desde as etapas iniciais da pesquisa, incluindo a concepção dos instrumentos, o planejamento do trabalho de campo e a gestão dos dados coletados. Isso implica prever riscos potenciais e estabelecer mecanismos para proteger a identidade e a segurança dos participantes.

“Trabalhar com esse tipo de população não significa apenas utilizar métodos flexíveis, mas também assumir o compromisso ético de garantir confidencialidade, segurança e uma linguagem adequada”.

Depoimento anônimo. Série de entrevistas realizadas para a presente publicação.

COMBINAR PADRÕES INTERNACIONAIS COM ADAPTAÇÕES CONTEXTUAIS

As experiências mostram que muitos estudos adotam referências éticas internacionais que depois são adaptados ao contexto local com o apoio de atores comunitários e especialistas no tema.

“Sempre tentamos adotar [...] as melhores práticas, mas [...] isso não difere em nada dos padrões internacionais [...], o que realmente tentamos é adaptar essas pautas aos conselhos que essas pessoas, peças-chave, envolvidas em nosso grupo de trabalho, podem nos dar quando se trata de populações ocultas”.

Depoimento anônimo. Série de entrevistas realizadas para a presente publicação.

GARANTIR A CONFIDENCIALIDADE E O ANONIMATO DAS INFORMAÇÕES

Entre as estratégias mais utilizadas estão a não coleta de dados identificáveis, a despersonalização dos bancos de dados antes da análise e a restrição do acesso a informações confidenciais. Em alguns casos, essas medidas são complementadas por acordos institucionais ou cláusulas contratuais que regulamentam o uso dos dados. Nos institutos nacionais de estatística, essas práticas costumam fazer parte de seus procedimentos institucionais habituais.

"O Instituto de Estatística já possui esses dados. Não há nada adicional em termos de proteção de dados. Já existe confidencialidade em todas as informações coletadas, pois há informações delicadas [...]"

Depoimento anônimo. Série de entrevistas realizadas para a presente publicação.

IMPLEMENTAR PRÁTICAS PARA PROTEGER A SEGURANÇA DE PARTICIPANTES

Em estudos sobre temas delicados — como identidade de gênero, orientação sexual ou violência — as estratégias éticas também incluem decisões operacionais, como selecionar espaços seguros e neutros para as entrevistas ou utilizar ferramentas que garantam respostas privadas.

"Em algumas regiões, nos emprestaram espaços de organizações LGBT; em outras, tivemos que encontrar um local super neutro, pois, caso contrário, as pessoas não se sentiriam à vontade para entrar".

Depoimento anônimo. Série de entrevistas realizadas para esta publicação.

UTILIZAR TECNOLOGIAS QUE REFORCEM A PRIVACIDADE NA COLETA DE DADOS

Algumas pesquisas incorporam dispositivos ou módulos de autoaplicação que permitem que as pessoas respondam a perguntas delicadas sem que a equipe de pesquisa observe suas respostas.

"Quando chegam a alguns módulos sobre identidade de gênero e orientação sexual, então dão fones de ouvido para a pessoa que vai responder [...] essa pessoa interage com o aparelho e com o áudio, e o pesquisador não está vendo nem ouvindo o que ela está respondendo".

Depoimento anônimo. Série de entrevistas realizadas para a presente publicação.

Em resumo, as entrevistas mostram que a ética na pesquisa com populações de difícil acesso não se limita ao cumprimento de protocolos formais, mas requer uma implementação sensível e contextualizada que garanta a confiança e a segurança de participantes.

6. Qualidade da informação

As entrevistas destacam que a qualidade da informação em estudos com populações ocultas depende não apenas do rigor metodológico, mas também de fatores relacionais e operacionais, como a confiança com as comunidades, a clareza dos instrumentos e a sensibilidade da equipe de campo. Nesse sentido, as principais sugestões são as seguintes.

ELABORAR INSTRUMENTOS CLAROS E CULTURALMENTE ADEQUADOS

Os questionários devem evitar jargões técnicos e utilizar uma linguagem compreensível para a população-alvo. Isso facilita a participação e reduz erros de interpretação durante a coleta de dados.

“Temos que adequar as informações. Ou queremos que o entrevistado pergunte ao entrevistador: ‘o que isso significa?’ ou ‘o que se entende por isso?’, [o entrevistador] deve ter a capacidade de entender ou buscar as palavras mais acessíveis para que o entrevistado se sinta à vontade”.

Depoimento anônimo. Série de entrevistas realizadas para a presente publicação.

CAPACITAR A EQUIPE DE CAMPO PARA LIDAR COM CÓDIGOS CULTURAIS E DINÂMICAS INTERNAS

As pessoas entrevistadas apontam que as populações estudadas costumam ter códigos internos e hierarquias simbólicas que podem influenciar a disposição para participar e a qualidade das respostas.

“Esses códigos intragrupais são difíceis de manejar para coletar informações confiáveis [...], se você os confundir [...] pode sabotar completamente a coleta de informações”.

Depoimento anônimo. Série de entrevistas realizadas para a presente publicação.

MANTER A COERÊNCIA ANALÍTICA NAS CATEGORIAS UTILIZADAS

Em estudos sobre identidade, orientação sexual ou outras características sociais, é importante utilizar categorias claras e consistentes que permitam interpretar adequadamente os resultados e compará-los ao longo do tempo.

IMPLEMENTAR MECANISMOS DE MONITORAMENTO DURANTE O TRABALHO DE CAMPO

Em métodos de amostragem baseados em redes, como o RDS, a qualidade do estudo depende do monitoramento das cadeias de recrutamento, da identificação de possíveis "gargalos" e da verificação da convergência da amostra.

"O que se deve garantir, além de evitar gargalos, é alcançar a convergência [...], monitorando longas cadeias de recrutamento".

Depoimento anônimo. Série de entrevistas realizadas para a presente publicação.

ESTABELECEER PROCESSOS DE VERIFICAÇÃO E RETROALIMENTAÇÃO CONTÍNUA

A verificação de dados mediante entrevistas complementares, o acompanhamento das equipes de campo e a revisão periódica das informações coletadas permitem detectar inconsistências e corrigir erros durante o processo de coleta de dados.

"Manter contato com as pessoas entrevistadas para verificar se elas realmente foram entrevistadas".

Depoimento anônimo. Série de entrevistas realizadas para a presente publicação.

Em conjunto, os achados mostram que a qualidade da informação em estudos com populações ocultas depende tanto do rigor dos métodos estatísticos quanto da construção de relações de confiança e do cuidado na interação com participantes.

7. Impacto nas políticas públicas

Os resultados das entrevistas indicam que a geração de dados de qualidade sobre populações ocultas tem um valor tanto instrumental quanto transformador. As evidências não apenas legitimam realidades historicamente invisibilizadas, mas também respaldam a tomada de decisões públicas e fortalecem os processos de avaliação de políticas.

“Produzir evidências de populações ocultas não é apenas um desafio técnico, é um compromisso ético”.

Depoimento anônimo. Série de entrevistas realizadas para a presente publicação.

O acesso a dados desagregados e confiáveis permite identificar lacunas socioeconômicas e padrões de exclusão, o que orienta a concepção e a melhoria das políticas públicas, bem como a argumentação em espaços de debate.

“Ter dados confiáveis para qualquer elaboração de políticas [...] terá muito mais peso do que argumentos baseados apenas em militância ou ativismo, sem dados”.

Depoimento anônimo. Série de entrevistas realizadas para a presente publicação.

Além disso, a visibilidade estatística tem um valor simbólico e político. Ela empodera as comunidades ao mostrar que suas experiências e necessidades são reconhecidas, legitimando suas demandas e reforçando sua participação na esfera pública.

“Não apenas gera evidências sólidas para as instituições, mas também empodera a população, mostrando que sua experiência tem um valor social e político que, ao longo do tempo, lhes foi negado”.

Depoimento anônimo. Série de entrevistas realizadas para a presente publicação.

Em conjunto, as descobertas mostram que a produção de informações sobre populações ocultas não serve apenas para medir, mas contribui para dar visibilidade às desigualdades, legitimar reivindicações sociais e orientar políticas com impacto. As evidências, portanto, tornam-se um instrumento fundamental para a formulação de políticas públicas mais inclusivas e sensíveis ao contexto dessas populações.

8. Desafios e limitações

As entrevistas realizadas também identificam diversas barreiras que dificultam o estudo de populações ocultas. Esses desafios podem ser agrupados em cinco dimensões principais: acesso às populações, desafios metodológicos, limitações logísticas, barreiras institucionais e desafios de coordenação com atores comunitários.

BARREIRAS NO ACESSO ÀS POPULAÇÕES

A desconfiança e o medo da exposição constituem obstáculos frequentes à participação, especialmente entre pessoas que sofreram discriminação ou estigmatização, como a população LGBTQ+ ou as pessoas migrantes. Da mesma forma, a participação pode ser afetada pela fadiga decorrente da repetição de estudos ou por expectativas associadas a incentivos econômicos.

DESAFIOS METODOLÓGICOS

A ausência de quadros amostrais adequados dificulta a obtenção de amostras representativas e a captura da diversidade interna das populações estudadas. Isso pode resultar na sub-representação de certos grupos, como pessoas trans, indígenas ou mulheres lésbicas.

Da mesma forma, o uso inadequado de técnicas especializadas — como o RDS ou o TLS — pode afetar a qualidade dos resultados quando seus pressupostos metodológicos não são cumpridos ou quando são interpretados erroneamente como amostras representativas.

LIMITAÇÕES LOGÍSTICAS E DE RECURSOS

A escassez de financiamento, os prazos apertados de implementação e as lacunas tecnológicas — como a baixa conectividade em áreas remotas — podem restringir o alcance do trabalho de campo e a capacidade de aplicar métodos mais complexos.

BARREIRAS INSTITUCIONAIS E NORMATIVAS

Em alguns países, os marcos normativos não permitem a coleta ou a publicação de informações sobre determinadas características sociais, como raça, etnia ou diversidade sexual. A isso se soma a alta carga de trabalho de muitas instituições públicas, o que limita a possibilidade de desenvolver iniciativas adicionais de pesquisa.

“Os Institutos Nacionais de Estatística enfrentam limitações para dedicar tempo a iniciativas adicionais devido à alta carga de trabalho [...] A isso se soma o marco normativo nacional, que em muitos casos não exige nem permite a coleta de informações sobre temas delicados como raça, etnia ou população LGBTQ+, restringindo o avanço quando existe interesse institucional”.

Depoimento anônimo. Série de entrevistas realizadas para a presente publicação.

DESAFIOS NA COORDENAÇÃO INTERINSTITUCIONAL E COMUNITÁRIA

O acesso a populações ocultas geralmente depende da colaboração com organizações da sociedade civil, líderes comunitários ou outros intermediários. Apesar de esses atores serem fundamentais para construir confiança e facilitar o trabalho de campo, também podem surgir tensões relacionadas a diferenças de expectativas, preocupações sobre o uso das informações ou desgaste decorrente da participação reiterada em estudos.

Em alguns contextos, o acesso a determinadas comunidades requer mediadores específicos ou autorizações informais, o que pode condicionar o alcance da pesquisa.

Tabela 5. Principais desafios descritos pelas pessoas entrevistadas para estudar populações ocultas, por categorias

Categoria	Subcategoria	Detalhamento
Barreiras no acesso às populações	Desconfiança	Foram relatados casos de medo da exposição ou da discriminação, principalmente entre as populações LGBTQ+ e pessoas migrantes, devido a um histórico de estigmatização.
	Cansaço ou desinteresse	Os participantes relatam cansaço quando são convocados repetidamente para atividades de pesquisa.
	Participação condicionada	A participação, por vezes, é limitada pela disponibilidade e pelo valor dos incentivos financeiros ¹⁴ .
Desafios metodológicos	Representatividade	Falta de quadros amostrais adequados, especialmente para refletir a heterogeneidade interna dos grupos, o que gera a sub-representação de certas populações (por exemplo, pessoas trans, indígenas ou mulheres lésbicas).
	Aplicação de métodos avançados de amostragem	Uso inadequado de métodos como a amostragem dirigida por respondentes (RDS) ou a amostragem por tempo e local (TLS), aplicados sem cumprir seus pressupostos metodológicos.
	Confusão conceitual	Aplicação de técnicas de amostragem não probabilísticas que são posteriormente interpretadas erroneamente como representativas.
	Continuidade da análise e abordagem longitudinal	Depois de coletada a amostra em um determinado ano, pode ser difícil replicar o instrumento ou manter a comparabilidade ao longo do tempo devido à natureza mutável das redes.
Limitações logísticas e de recursos	Recursos insuficientes	Limitações orçamentárias que podem restringir o alcance ou a profundidade do estudo.
	Lacunas tecnológicas e geográficas	Dificuldades em entrevistar pessoas em áreas com baixa conectividade ou em localidades remotas.
	Capacidade técnica	Experiência limitada em técnicas especializadas e no tratamento ético de informações confidenciais.
Barreiras institucionais e normativas	Marcos normativos	Existem barreiras normativas que dificultam o acesso à informação e a implementação de abordagens mais rigorosas, ou que permitam a coleta de dados mais abrangentes e desagregados.
Coordenação interinstitucional e comunitária	Dependência de interlocutores locais	Necessidade de mediadores para acessar comunidades ou grupos fechados, como gangues.
	Tensões entre a equipe de pesquisa e as organizações locais	Diferenças nas expectativas, desconfiança em relação ao estudo ou conflitos relacionados ao uso das informações coletadas.

Fonte: Elaboração própria.

¹⁴. Essa condição tem uma raiz estrutural: as populações ocultas podem compartilhar características como estar à margem dos circuitos formais de trabalho ou em situações de subemprego. Isso exige um equilíbrio: por um lado, elas podem mostrar-se reticentes a colaborar se não receberem uma remuneração que considerem adequada, especialmente quando sua situação de trabalho é precária; por outro lado, as equipes devem garantir que os incentivos não gerem desigualdades nem condições de subemprego.

Reflexões finais

Pesquisar populações de difícil acesso implica reconhecer que certos grupos enfrentam barreiras estruturais que limitam sua inclusão social e econômica. Essas barreiras geram lacunas de informação que afetam a qualidade do projeto, da implementação e da avaliação de políticas públicas, assim como a eficácia das intervenções.

A invisibilidade estatística desses grupos tem implicações diretas na alocação de recursos, na eficácia dos programas e na capacidade de promover um crescimento inclusivo. Contar com abordagens adequadas para identificar e medir essas populações fortalece a tomada de decisões baseada em evidências, melhora o direcionamento dos programas e aumenta o impacto na qualidade de vida das pessoas.

Não existe um método universalmente aplicável para trabalhar com populações ocultas. A escolha da estratégia depende do contexto, dos objetivos da pesquisa e das características de cada grupo. Entre os métodos mais utilizados, destacam-se os seguintes:

- **Amostragem por tempo e local (TLS)** é recomendável quando existem pontos de encontro claramente identificáveis onde a população-alvo se reúne;
- **Amostragem dirigida (TS)** é útil para populações geograficamente concentradas e quando se busca estudar subgrupos específicos;
- **Amostragem dirigida por respondentes (RDS)** é eficaz quando as redes sociais são densas e conectadas, desde que se controle o número de referências e se registre o tamanho da rede;

- **Amostragem em bola de neve** é adequada em fases exploratórias, quando se busca valor descritivo em vez de inferência estatística.

Complementar essas abordagens com técnicas qualitativas, como o **Cliente Oculto** e **os Estudos de Vinheta**, permite captar nuances, compreender dinâmicas internas e realizar ajustes em campo.

No nível operacional, a participação de pessoas pertencentes à população em estudo e a construção de laços de confiança com líderes comunitários e atores-chave são fundamentais. Essas estratégias facilitam o acesso, melhoram a qualidade da informação e reduzem as barreiras à participação, além de garantir ambientes seguros para a coleta de dados, aplicar técnicas adequadas de anonimização e usar uma linguagem respeitosa e adequada culturalmente.

Pesquisar populações ocultas também significa enfrentar a tensão entre o mensurável e o invisível, equilibrando a necessidade de gerar evidências com a obrigação ética de não causar vulnerabilidades adicionais a essas populações. Nenhum método, por si só, resolve todos os desafios técnicos, logísticos ou éticos. As descobertas mostram que as estratégias mais eficazes combinam pluralidade metodológica, sensibilidade contextual, participação comunitária e um firme compromisso ético.

Por fim, olhar para essas populações com rigor é um ato de responsabilidade pública. Produzir dados não implica apenas medir, mas também tornar visíveis as desigualdades, legitimar experiências invisibilizadas historicamente e informar a formulação de políticas com impacto, fortalecendo tanto as evidências técnicas quanto a inclusão socioeconômica e a qualidade de vida das populações.

Referências

- Allen, S. T., Footer, K. H. A., Galai, N., et al. (2019). Implementing targeted sampling: Lessons learned from recruiting female sex workers in Baltimore, Maryland. *Journal of Urban Health*, 96, 442–451. <https://doi.org/10.1007/s11524-018-0292-0>
- Allison, P., Severt, D., & Dickson, D. (2010). A conceptual model for mystery shopping motivations. *Journal of Hospitality Marketing & Management*, 19(6), 629–657. <https://doi.org/10.1080/19368623.2010.493077>
- Atkinson, R., & Flint, J. (2001). Accessing hidden and hard-to-reach populations: Snowball research strategies. *Social Research Update*, 33, 1–4. University of Surrey.
- Banco Interamericano de Desarrollo. (2023). Estrategia institucional del Grupo BID 2024–2030: Transformación para una mayor escala e impacto. <https://www.idbinvest.org/sites/default/files/2024-03/Grupo-BID-Estrategia-Institucional-2030.pdf>
- Bauermeister, J. A., Pingel, E. S., Jadwin-Cakmak, L., Meanley, S., Alapati, D., Moore, M., Lowther, M., Wade, R., & Harper, G. W. (2015). The use of mystery shopping for quality assurance evaluations of HIV/STI testing sites offering services to young gay and bisexual men. *AIDS and Behavior*, 19(10), 1919–1927. <https://doi.org/10.1007/s10461-015-1174-z>
- Chao, A. (1998). Capture–recapture. In P. Armitage & T. Colton (Eds.), *Encyclopedia of biostatistics* (pp. 482–486). Wiley.
- Chao, A. (2001). An overview of closed capture–recapture models. *Journal of Agricultural, Biological, and Environmental Statistics*, 6(2), 158–175.
- Cheah, C. W., Koay, K. Y., & Xiang, K. (2023). Uncovering the voices of marginalized minorities in public policy research: A critical review of the image and text-based vignette method. *International Journal of Qualitative Methods*, 22, 1–11. <https://doi.org/10.1177/16094069231163429>
- Cochran, W. G. (1977). *Sampling techniques* (3rd ed.). John Wiley & Sons.
- Coleman, J. S. (1958). Relational analysis: The study of social organizations with survey methods. *Human Organization*, 17(4), 28–36. <http://www.jstor.org/stable/44124097>
- De Castro, F., Barrientos-Gutiérrez, T., Braverman-Bronstein, A., Santelli, J., Place, J. M., Eternod-Arámburu, M., & Hernández-Avila, M. (2018). Adolescent access to information on contraceptives: A mystery client study in Mexico. *Journal of Adolescent Health*, 62(3), 265–272. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2017.08.001>
- Dusek, G. A., Yurova, Y. V., & Ruppel, C. P. (2015). Using social media and targeted snowball sampling to survey a hard-to-reach population: A case study. *International Journal of Doctoral Studies*, 10, 279–299. <http://ijds.org/Volume10/IJDSv10p279-299Dusek0717.pdf>

- Equilibrium Business, Data and Communities (BDC). (2025). *Investigación para el fortalecimiento del tejido empresarial y laboral LGBTQ+ en Panamá*.
<https://equilibriumbdc.com/publicaciones/investigacion-para-el-fortalecimiento-del-tejido-empresarial-y-laboral-lgbtq-en-panama/>
- Espinosa, M. P., & Brañas-Garza, P. (Coords.). (2024). *Métodos experimentales en economía*. Editorial Centro de Estudios Ramón Areces.
- Heckathorn, D. D. (1997). Respondent-driven sampling: A new approach to the study of hidden populations. *Social Problems*, 44(2), 174–199. <https://doi.org/10.2307/3096941>
- Heckathorn, D. D. (2002). Respondent-driven sampling II: Deriving valid population estimates from chain-referral samples of hidden populations. *Social Problems*, 49(1), 11–34.
<https://doi.org/10.1525/sp.2002.49.1.11>
- IDB. (2023). *BID Impact+: Marco de gestión de impacto para el desarrollo*.
<https://www.iadb.org/es/inicio/bidimpact>
- Karon, J. M., & Wejnert, C. (2012). Statistical methods for the analysis of time–location sampling data. *Journal of Urban Health: Bulletin of the New York Academy of Medicine*, 89(3), 565–586.
<https://doi.org/10.1007/s11524-012-9676-8>
- McInroy, L. B., & Beer, O. W. J. (2022). Adapting vignettes for internet-based research: Eliciting realistic responses to the digital milieu. *International Journal of Social Research Methodology*, 25(3), 335–347. <https://doi.org/10.1080/13645579.2021.1901440>
- Morena de Diago, B. (2013). Mystery shopping: Indicadores de estudio en bibliotecas. *Revista General de Información y Documentación*, 23(2), 369–386.
- Mosler Vidal, E. (2021). *No dejar a ningún migrante atrás: La Agenda 2030 y el desglose de datos*. Organización Internacional para las Migraciones.
- Organización Internacional para las Migraciones. (2020). *Glosario sobre migración* (IML No. 34). OIM.
- Paz-Bailey, G., Miller, W., Shiraishi, R. W., Jacobson, J. O., Abimbola, T. O., & Chen, S. Y. (2013). Reaching men who have sex with men: A comparison of respondent-driven sampling and time–location sampling in Guatemala City. *AIDS and Behavior*, 17(9), 3081–3090.
<https://doi.org/10.1007/s10461-013-0589-7>
- Poorolajal, J., Mohammadi, Y., & Farzinara, F. (2017). Using the capture–recapture method to estimate the human immunodeficiency virus-positive population. *Epidemiology and Health*, 39, e2017042. <https://doi.org/10.4178/epih.e2017042>
- Raifman, S., DeVost, M. A., Digitale, J. C., Chen, Y.-H., & Morris, M. D. (2022). Respondent-driven sampling: A sampling method for hard-to-reach populations and beyond. *Current Epidemiology Reports*, 9(1), 38–47. <https://doi.org/10.1007/s40471-022-00287-8>

- Rozo, S. (2021). *Tips for collecting surveys of hard-to-reach populations*. World Bank Blogs. <https://blogs.worldbank.org/impactevaluations/tips-collecting-surveys-hard-reach-populations>
- Saunders, M. N. K., Lewis, P., & Thornhill, A. (2023). *Research methods for business students* (9th ed.). Pearson.
- Semaan, S., Lauby, J., & Liebman, J. (2002). Street and network sampling in evaluation studies of HIV risk-reduction interventions. *AIDS Reviews*, 4(4), 213–223.
- Shaghghi, A., Bhopal, R. S., & Sheikh, A. (2011). Approaches to recruiting hard-to-reach populations into research: A review of the literature. *Journal of Health Promotion Perspectives*, 1(2), 86–94. https://hpp.tbzmed.ac.ir/Article/HPP_73_20120617105704
- Soltanian, A. R., Bashirian, S., Akhondzadeh Basti, S., Karami, M., Ostovar, A., & Khazaei, S. (2020). Estimation of the hidden population with COVID-19 disease. *International Journal of Maternal and Child Health and AIDS*, 9(2), 217–219. <https://doi.org/10.21106/ijma.396>
- Ting, H., Memon, M. A., Thurasamy, R., & Cheah, J.-H. (2025). Snowball sampling: A review and guidelines for survey research. *Asian Journal of Business Research*, 15(1), 1–13. <https://doi.org/10.14707/ajbr.250186>
- United Nations Sustainable Development Group. (2022). Operationalizing leaving no one behind: Good practice note for UN country teams.
- Watters, J. K., & Biernacki, P. (1989). Targeted sampling: Options for the study of hidden populations. *Social Problems*, 36(4), 416–430. <https://doi.org/10.2307/800824>
- World Health Organization, & Joint United Nations Programme on HIV/AIDS. (2010). Guidelines on surveillance among populations most at risk for HIV.
- World Health Organization, & United Nations Human Settlements Programme. (2010). Hidden cities: Unmasking and overcoming health inequities in urban settings. World Health Organization. <https://iris.who.int/handle/10665/44439>
- Yauck, M., Moodie, E. E. M., Apelian, H., Peet, M.-M., Lambert, G., Grace, D., Lachowsky, N. J., Hart, T., & Cox, J. (2020). *Sampling from networks: Respondent-driven sampling*. McGill University.

Anexo

Lista de estudos revisados sobre populações ocultas

Organização responsável	Instituição financiadora	Ano	País	Título (traduzido e acesso direto)	Método
IPA Colômbia (Inovações para a Ação contra a Pobreza)	Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), subvenção do Orçamento de Apoio à Pesquisa do Banco Mundial, Escola de Administração de Empresas Marshall da USC	2022	Colômbia	Uma vida fora das sombras: os impactos das anistias na vida dos migrantes	Combina amostragem estratificada (Registro Administrativo de Migrantes Venezuelanos, RAMV, grupo) com amostragem em bola de neve/indicações (grupo não RAMV).
BID	BID	2020	Ásia e outros continentes	Rumo a uma melhor compreensão da discriminação por orientação sexual e identidade de gênero	Estudos utilizam amostragens, por exemplo, RDS, amostragem em bola de neve. Desenho amostral: aleatório e não aleatório
CDC, Universidade do Vale da Guatemala	CDC	2013	Guatemala	Estudos de vigilância em HSH	Amostragem por tempo e local e amostragem dirigida por respondentes
DANE	DANE	2022	Colômbia	Mercado de trabalho da população LGBT	Probabilística, em várias etapas, estratificada e por conglomerados
Equilibrium, Organização Internacional para as Migrações (OIM)	OIM	2024	Peru	Análise exploratória da contribuição fiscal e econômica da migração venezuelana no Peru	Amostragem em bola de neve
Equilibrium		2025	Panamá	Pesquisa para o fortalecimento do tecido empresarial e laboral LGBTIQ+ no Panamá	Amostragem dirigida por respondentes
INEI-ENPOVE	INEI	2023	Peru	II Pesquisa com a População Venezuelana Residente no Peru	Estratificada
INEI-LGBTI	INEI	2017	Peru	Primeira Pesquisa Virtual para Pessoas LGBTI, 2017	Caráter exploratório, não probabilístico
Nova Southeastern University	Nova Southeastern University	2015	EUA e Rússia	Estudo sobre percepções profissionais via LinkedIn	Amostragem em bola de neve e amostragem dirigida
OMS	OMS	2010	Paquistão	Revelando e superando as desigualdades em saúde em ambientes urbanos	Amostragem dirigida
OMS, Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS)	OMS	2011	China e outros países	Diretrizes sobre vigilância entre as populações de maior risco para o HIV	Conjunto de estudos que inclui o RDS
UNFPA	UNFPA	2017	República Dominicana	População imigrante venezuelana	Fase adicional com amostragem em bola de neve e amostra probabilística nacional

Organização responsável	Instituição financiadora	Ano	País	Título (traduzido) e acesso direto	Método
UNICEF	UNICEF	2020	Rota sul da África Oriental	Um passado conturbado, um futuro incerto	Amostragem em bola de neve
-	Instituto Nacional de Saúde Mental dos Estados Unidos (NIMH), através do Centro de Estudos Clínicos e Comportamentais sobre HIV do Instituto Psiquiátrico do Estado de Nova York e da Universidade de Columbia	2011	Argentina	O uso da Amostragem Dirigida por Respondentes (RDS) gera uma amostra muito diversificada de homens que fazem sexo com homens (HSH) em Buenos Aires, Argentina PLOS One	Amostragem dirigida por respondentes
BID	BID	2024	8 países da América Latina	Disparidades socioeconômicas na América Latina entre casais do mesmo sexo e de sexos diferentes (Nota Técnica)	Estatísticas Nacionais (Dados do Censo)
BID	BID	2025	México	A vida das pessoas intersexuais: disparidades socioeconômicas e de saúde no México	Estatísticas Nacionais (Pesquisa Nacional)
BID	BID	2023	Equador	Medindo a discriminação no mercado de trabalho contra a comunidade LGBTQ+ no caso do Equador: um experimento de campo	Amostragem dirigida por respondentes
BID	BID	2023	Argentina, Colômbia, Equador e Peru	Discriminação contra pessoas gays e transgêneros na América Latina: um estudo por correspondência no mercado de aluguel de imóveis	Estudo de correspondência
BID	BID	2023	México	Desafios para medir a população LGBTQ+ e a homofobia no México	Técnica de contagem de itens (ICT)
BID	BID	2023	Colômbia	Existe discriminação contra crianças de famílias homoparentais? Evidências de um estudo experimental na Colômbia	Estudo de correspondência
BID	BID	2023	Colômbia	Com que precisão as pesquisas domiciliares medem o tamanho e as desigualdades da população LGBT em Bogotá, Colômbia? Evidências de um experimento de lista	Estatísticas Nacionais (Pesquisa Domiciliar)
BID	BID	2022	Uruguai	A diversidade de gênero e sexual leva a mais conflitos na escola?	Dados de 95 escolas e colégios
BID	BID	2024	América Latina	A Penalidade do Migrante na América Latina: Evidências experimentais de recrutadores de emprego	Anúncios publicitários no LinkedIn e amostragem dirigida por respondentes

